

Estudos Bíblicos no
Livro do Profeta
Daniel



Rev. Olivar Alves Pereira
2015

www.noutesia.org

O Livro de Daniel

Introdução

Alguém disse com propriedade que “a História é o palco onde a vontade de Deus se apresenta”. E de fato, não há um só fato na História, um só ato dos homens, do mais importante e ilustre ao mais simples e desprezado que não esteja debaixo da autoridade da vontade de Deus.

A história do profeta Daniel (bem como de todos nós) esteve debaixo da vontade de Deus. Quando estudarmos este precioso livro nosso coração deverá ser tomado por essa convicção. A firmeza e a convicção de Daniel em não trocar o Deus de Israel pelos privilégios dos monarcas e nem fazer concessões por um curto espaço de tempo, confirmam a teologia do livro.

Neste primeiro estudo daremos algumas informações importantes que nos ajudarão a compreender melhor a mensagem deste magnífico livro sagrado.



Tema, Versículos-Chave e Significado do Nome de Daniel

Com o que já dissemos na introdução desse estudo fica claro que o:

Tema central do livro de Daniel é: **Deus é o Senhor da História.**

Versículos-chave do livro de Daniel: **Dn 4.34-35**

³⁴ Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornei-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração.

³⁵ Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

Significado do nome “Daniel” (דַּנְיֵאל): “Deus é Justiça” ou “Julgamento de Deus”.

O Autor, Data e Ocasão do Livro

Como todos os demais livros da Bíblia, o livro de Daniel é um livro inspirado pelo Espírito Santo e amplamente citado no Novo Testamento (ao todo 44 vezes) especialmente a parte das visões de Daniel do Cap.7 – 12.

Contudo, a simples afirmação de que o autor humano do livro foi o profeta Daniel não parece algo muito simples assim. A discussão toda se dá pelo fato de que Daniel registra em seu livro nada menos do que quatro impérios pelos quais ele passou. Por isso alguns pensam que não pode ter sido ele o autor.

Mas, no próprio livro (9.2; 10.2) encontramos informações do próprio Daniel como autor do livro, e colocando a data da escrita nos dias da vitória do rei Ciro, o persa, sobre a Babilônia, o que ocorreu por volta do ano 539 a.C.

Daniel foi deportado para a Babilônia junto com Ezequiel, este já idoso, enquanto que Daniel era um adolescente de uns 12 ou 13 anos no máximo. Desde que foi retirado como escravo da sua terra natal, nunca mais voltou para lá. Ele passou por vários impérios e reis (os nomes em destaque são dos reis que tiveram algum contato com ele):

- ✓ **Nabucodonosor** (604 – 562 a.C.) – Império Babilônico
- ✓ **Evil-Merodaque** (561 – 560 a.C.) – Império Babilônico

- ✓ Neriglissar (599 – 556 a.C.) – Império Babilônico
- ✓ Labashi-Marduke (556 a.C.) – Império Babilônico
- ✓ Nabonido II (555 – 539 a.C.) – Império Babilônico
- ✓ **Belsasar, filho de Nabonido** (555 – 539 a.C.) – Império Babilônico
- ✓ **Ciro II** (538 – 530 a.C.) - Império Persa (ou Aquêmina)
- ✓ **Dario I** (521 – 486 a.C.) – Império Medo

Dificuldades na Interpretação das Profecias do Livro

Por se tratar de um livro cujo conteúdo mescla narrativa com profecia, muitas dificuldades são levantadas. Concentraremos aqui nas três principais¹:

Mero registro histórico

Os proponentes dessa interpretação alegam que Daniel em suas visões apresenta com tanta nitidez fatos que envolvem os períodos dos reinos selêucida e ptolemaico imediatamente anteriores a Antíoco IV Epifânio (cap.11). Os que não creem que o livro tenha sido escrito por uma só pessoa, no caso, Daniel, afirmam que o livro (por causa da exatidão com que descreve os fatos que iriam acontecer) na verdade, foi escrito quando os fatos já haviam acontecido, o que seria por volta de 170 a.C., durante a vida de Antíoco IV Epifânio. O que os que são favoráveis a essas afirmações não levam em conta é que quem deu as profecias aos profetas foi Deus, Aquele que tem a História em Suas poderosas mãos, e governa todos os fatos e atos, e, por isso, mesmo, revelou com tanta nitidez os eventos futuros para o Seu servo.

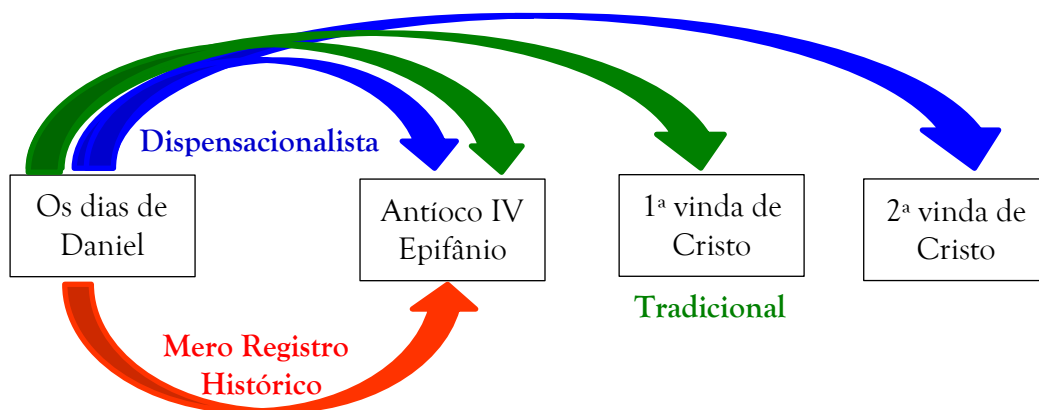
O ponto de vista dispensacionalista (pré-milenista)

De conformidade com este ponto de vista, as profecias de Daniel apontam para dois momentos na História: num primeiro momento relacionado a Antíoco IV Epifânio que perseguiu os judeus, e o segundo momento relacionado com a segunda vinda de Cristo, que será antecedida por intensa perseguição aos filhos de Deus.

O ponto de vista tradicional (amilenista e pós-milenista)

Este atribui a **ênfase principal** das predições contidas no livro à primeira vinda de Cristo, sem deixar de ver a realização de profecias em outros tempos, como por exemplo, em relação a perseguição nos dias de Antíoco V Epifânio. Essa abordagem está geralmente associada a uma compreensão escatológica amilenista ou pós-milenista. Este é o que seguiremos em nossa interpretação do livro.

Num gráfico podemos apresentar as três interpretações assim:



¹ Cf. a Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p.982.

Conteúdo e Esboço do Livro de Daniel

Este livro mescla narrativa histórica (caps. 1 – 6) com profecias (caps. 7 – 12) apresentadas em visões.

A forma como as narrativas históricas estão aqui no livro mostram que elas são acontecimentos específicos reunidas com o propósito específico de mostrar o agir de Deus na História.

Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra faz o seguinte comentário sobre as narrativas históricas de Dn 1 – 6²:

As narrativas não apresentam uma história de Israel sob o domínio da Babilônia ou da Pérsia, tampouco se constituem em uma biografia histórica de Daniel ou de seus amigos. O elemento comum subjacente a estes textos é a ênfase na forma pela qual a soberania absoluta de Deus opera na vida de todas as nações (2.47; 3.17-18; 4.28-37; 5.18-31; 6.25-28). Jerusalém pode ser destruída e ter seu templo reduzido a ruínas, o povo de Deus pode ser exilado, e os maus governantes podem parecer triunfantes, mas Deus permanece supremo. Deus é maior que todas as circunstâncias, e o seu povo deve ser-lhe fiel em qualquer situação que se encontre. A descrição dessa verdade é o princípio orientador de Dn 1-6.

Com respeito às visões de Daniel (Caps. 7 – 12) é importante que as entendamos dentro de seu contexto também. Embora haja alguma discordância se Daniel faz parte daquele estilo literário conhecido como “Literatura Apocalíptica”³, admitimos que a segunda parte desse livro é desse gênero, sem nos esquecermos de uma peculiaridade desse livro, a saber, os judeus debaixo do julgo da Babilônia, embora esporadicamente foram tolhidos de exercer sua fé, não sofreram uma interdição e perseguição quanto a isso. Somente nos dias de Antíoco IV Epifânio (175 – 164 a.C.) é que intensa perseguição deflagrou-se contra os judeus. Há relatos históricos que Antíoco ao invadir Jerusalém e o templo, sacrificou um porco no altar do SENHOR Deus, profanando-o assim aos olhos dos judeus. Muitos judeus se renderam, outros, porém, resistiram e foram brutalmente perseguidos. Em nota a Bíblia de Estudo de Genebra explica⁴:

Uma das principais razões para a redação do Livro de Daniel foi a de preparar o povo de Deus para os tempos de Antíoco Epifânio e encorajá-los durante esse período de perseguição. Ao mesmo tempo, o livro se volta para o período subsequente a Antíoco Epifânio, para a vinda de Cristo. É Cristo quem destruirá todos os reinos dos homens e instituirá o seu reino eterno de justiça e paz.

Apresentamos o seguinte esboço do livro o qual seguiremos em nossos estudos:

I – As Narrativas	(1.1 – 6.28)
1.1. Deus recompensa a fidelidade de Daniel e seus amigos	(1.1-21)
1.2. Deus revela o significado do sonho de Nabucodonosor a Daniel.....	(2.1-49)
1.2.1. A frustração de Nabucodonosor.....	(2.1-13)
1.2.2. A sabedoria de Daniel	(2.14-18)
1.2.3. Deus é adorado por Daniel	(2.19-23)
1.2.4. A interpretação do sonho por Daniel.....	(2.24-45)

² Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p.983.

³ Gênero literário em que Deus Se revelou aos Seus filhos por meio de Seus servos trazendo uma palavra de conforto em meio às lutas e perseguições, mostrando-lhes que Sua vitória é certa sobre os inimigos, e que, por mais que estes façam sofrer os filhos de Deus, jamais os vencerão por que Deus é com eles.

⁴ *Ibid*, p.983.

1.2.5. Daniel é recompensado	(2.46-49)
1.3. Deus é adorado diante dos babilônios.....	(3.1-30)
1.3.1. A Imagem de Nabucodonosor.....	(3.1-7)
1.3.2. Os três jovens que temiam somente a Deus	(3.8-18)
1.3.3. O livramento de Deus e o testemunho desses jovens	(3.19-30)
1.4. Deus enlouquece e humilha Nabucodonosor.....	(4.1-37)
1.4.1. Nabucodonosor apresenta a razão desse relato	(4.1-3)
1.4.2. Nabucodonosor relata o seu sonho	(4.4-18)
1.4.3. Nabucodonosor relata a interpretação do sonho.....	(4.19-27)
1.4.5. Nabucodonosor relata o cumprimento do sonho.....	(4.28-33)
1.4.6. Nabucodonosor relata seu arrependimento, conversão e testemunho.....	(4.34-37)
1.5. Deus repreende o insolente Belsasar	(5.1-30)
1.5.1. A insolência de Belsasar	(5.1-4)
1.5.2. A visão dos dedos que escreviam na parede.....	(5.5-12)
1.5.3. Deus dá a Daniel e interpretação da visão	(5.13-23)
1.5.4. A sentença contra Belsasar	(5.24-28)
1.5.5. Daniel e Belsasar recebem cada qual a sua recompensa.....	(5.29-31)
1.6. Deus livra Daniel na cova dos leões.....	(6.1-28)
1.6.1. Babilônia sob nova administração	(6.1-5)
1.6.2. A conspiração contra Daniel	(6.6-9)
1.6.3. Daniel é lançado na cova dos leões.....	(6.10-18)
1.6.4. Deus vinga os inimigos de Daniel.....	(6.19-28)
 II. As Visões	(7.1 – 12.13)
2.1. A visão dos quatro animais e do estabelecimento do Reino de Deus	(7.1-28)
2.1.1. Os quatro animais	(7.1-8)
2.1.2. O Ancião de Dias julgando	(7.9-14)
2.1.3. As interpretações	(7.15-28)
2.2. A visão do carneiro e do bode	(8.1-27)
2.2.1. Os dois animais	(8.1-8)
2.2.2. O pequeno chifre	(8.9-14)
2.2.3. A interpretação.....	(8.15-27)
2.3. A visão das setenta semanas.....	(9.1-27)
2.3.1. Daniel ora pelo povo	(9.1-19)
2.3.1. Gabriel responde a oração	(9.20-23)
2.3.3. As setenta semanas	(9.24-27)
2.4. A visão final.....	(10.1 – 12.13)
2.4.1. O anjo traz a mensagem a Daniel	(10.1-21)
2.4.2. A história do Oriente Médio dos tempos de Daniel até Antíoco	(11.1-20)
2.4.3. O reinado de Antíoco.....	(11.21-35)
2.4.3.1. Sua ascensão e caráter	(11.21-24)
2.4.3.2. Sua trajetória.....	(11.25-31)
2.4.3.3. O destino do povo de Deus durante o seu reinado	(11.32-35)
2.4.4. O reinado do anticristo	(11.36 – 12.13)
2.4.4.1. Seu caráter.....	(11.36-39)
2.4.4.2. Suas obras.....	(11.40-45)
2.4.4.3. O destino do povo de Deus durante o seu reinado	(12.1-4)
2.4.4.4. Uma mensagem final do profeta	(12.5-13)

O Livro de Daniel

Introdução



Quando estudamos os profetas Isaías e Jeremias vimos com muita clareza que Deus estava avisando a Seu povo por várias décadas que chegaria um terrível dia para este por causa da sua idolatria. O profeta Jeremias chegou a ser apelidado com sua mensagem **“há terror por todos os lados”** (Jr 6.25; 20.7-10) porque o povo duvidou que chegaria um dia tão terrível no qual seria visto terror por todos os lados.

Mas, a promessa do SENHOR Deus não falha. Chegou este terrível dia e Daniel e muitos outros judeus foram levados para a Babilônia como escravos, enquanto, os mais fracos e inabilitados para a guerra ficaram em Judá à mercê dos inimigos.

Os judeus estavam no cativeiro babilônico que haveria de durar 70 anos. Não parece paradoxal que Deus tenha permitido que Seu povo viesse a ser levado para um lugar de terrível idolatria, para ser expurgado do seu pecado de idolatria? Esse fato deve nos chamar a atenção. Ele é importante para entendermos os propósitos de Deus no livro de Daniel. A aflição e dor que os judeus amargaram na Babilônia (ver Sl 137) foi um tratamento de Deus ao coração do Seu povo. Ali, em intensa dor e humilhação, o povo clamou a Deus (e não aos ídolos) e Ele os libertou no tempo determinado por Ele.

I – As Narrativas (1.1 – 6.28)

1.1. Deus recompensa a fidelidade de Daniel e seus amigos (1.1-21)

Aprofundando no texto



A primeira invasão e deportação (Dn 1.1-2)

“No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou” (v.1), o que nos coloca no ano 605 a.C., quando Nabucodonosor tornou-se rei da Babilônia. Num de seus primeiros atos como monarca ele marchou rumo a Jerusalém, sitiou-a e a invadiu. Era **“terror por todos os lados”**. Levou quem ele quis consigo, bem como **“alguns dos utensílios da Casa de Deus”** (v.2) como troféus para os seus deuses em Sinar (outro nome para Babilônia). O que parecia ser a vitória dos deuses caldeus sobre o Deus de Israel, nada mais era do que Deus dirigindo os fatos para que Sua Glória fosse evidente na História.

Este foi o primeiro ataque de Nabucodonosor contra Jerusalém, e nessa ocasião ocorreu a primeira deportação de judeus para a Babilônia, entre os quais estavam Daniel e seus amigos, Hananias, Misael e Azarias⁵. Nabucodonosor deixara em Jerusalém como seu vassalo o rei Jeoaquim, o qual assim permaneceu por oito anos, após os quais ele decidiu se rebelar contra Nabucodonosor, e isto foi a sua desgraça.

Atenção!



Warren Wiersbe disse:

“Deus havia feito uma aliança com o povo de Israel, prometendo que iria cuidar dele e abençoá-lo, caso obedecesse a seus estatutos, mas se desobedecesse, iria dispersá-lo no meio dos gentios (Lv 26; Dt 27 – 30). O Senhor desejava que Israel fosse “luz para os gentios” (Is 42.6) e que revelasse a glória do verdadeiro Deus vivo. Em vez disso, porém, os judeus tornaram-se como os gentios e adoraram a seus falsos deuses. Os reis e líderes iníquos dos

⁵ Ezequiel fora levado alguns anos depois (entre 597 a 586 a.C.). Nessa ocasião o templo de Jerusalém fora totalmente destruído.

judeus, os falsos profetas e os sacerdotes infiéis foram a causa da corrupção moral e, por fim, da destruição nacional (Lm 4.13; Jr 23.9-16; 2Cr 6.14-21). Como é estranho que o próprio povo de Deus não lhe tenha obedecido, mas que Nabucodonosor e o exército pagão babilônio tenham sido obedientes ao Senhor!⁶

Os judeus por muitos anos confiaram no Templo do SENHOR, mas, não no SENHOR do Templo. Agora, amargavam a dor de verem seu templo destruído, a morte de tantos outros do povo, a deportação dos nobres e o abandono dos fracos.

Tome nota, é importante!



Não troque Deus por recurso algum. Não confie nas obras das suas mãos, mas, somente em Deus!

Contra os propósitos de Deus não adianta rebelarmos como fez Jeoaquim. Precisamos entender que quando nos afastamos da vontade de Deus Ele usará os meios que Ele quiser para trazer-nos de volta.

Aprofundando no texto



Daniel e seus amigos na corte de Nabucodonosor, o estrategista (Dn 1.3-7)

Nestes versículos vemos que Daniel e seus amigos Hananias, Misael e Azarias que eram ou da realeza ou da nobreza⁷ foram apresentados **“para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus”** (v.4).

Mas, por que Nabucodonosor era um estrategista? Stuart Olyott aponta que diferentemente de Faraó que oprimia os escravos, Nabucodonosor sabia que um dia o número dos conquistados seria maior do que seus exércitos, e, por isso mesmo, em vez de maltratar aqueles a quem ele levava como cativos, preferiu tratá-los com distinção a fim de aprender os costumes e língua dos conquistados, bem como fazer com que estes fossem integrados ao serviço público da Babilônia, para que se um dia houvesse uma rebelião desses conquistados contra o rei, estes acabariam por enfrentarem o seu próprio povo e até seus próprios filhos que estavam na corte da Babilônia⁸.

Atenção!



Mas o que era para ser considerada uma grande honra, a saber, estar na corte do rei comendo das **“finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia”** (v.5), era parte da estratégia de transformar judeus em babilônios. Durante três anos num processo de total destruição da identidade deles culminando com a troca de seus nomes que eram relacionados ao SENHOR Deus de Israel por nomes relacionados aos deuses caldeus:

Nomes	Significado hebraico	Significado babilônico
Daniel/Beltessasar	“Deus é justiça”, “Deus julga”	“Bel protege a vida dele”
Hananias/Sadraque	“O SENHOR mostra graça”	“o comando de Aku” (deus-lua)
Misael/Mesaque	“Quem é como Deus?”	“Quem é como Aku?”
Azarias/Abede-Nego	“O SENHOR é o meu auxílio”	“Servo de Nebo” (ou Nego)

⁶ WIERSBE, 2010, vol.4, p.308.

⁷ Calvino diz: “A luz desse fato, deduzimos que Daniel e seus amigos eram jovens de distinção e superioridade, nascidos em berços reais ou, pelo menos, filhos de pais da alta sociedade” (CALVINO, 2000, p.46).

⁸ Cf. OLYOTT, 1996, p.15.

Tome nota, é importante!



Babilônia sempre é tomada figuradamente nas Escrituras para falar da cultura pecaminosa deste mundo. Em Apocalipse, é à figura da Babilônia que o Senhor Jesus recorre para mostrar como é o mundo e a sua falsa religião que se opõe à Verdade.

Por analogia podemos fazer a seguinte aplicação para nós: tal como nos dias de Daniel, os servos de Deus hoje (e sempre) serão postos à prova, bombardeados pelas mentiras dessa cultura pecaminosa, e tentados a trocar o sustento da Palavra de Deus pelas “finas iguarias” do deus deste mundo.

Haverá sempre um esforço constante das forças do mal para nos subjugar tentando retirar de nós o Nome de Deus (somos Dele) para que os de seus deuses sejam colocados sobre nós. **A guerra do crente é pela posse de sua vida – ela pertence a Deus, mas, os inimigos farão de tudo para arrancar-nos de Suas mãos. Jamais conseguirão.**

Aprofundando no texto



A firmeza de fé e caráter recompensada por Deus (Dn 1.8-21)

“Posso ter sido retirado da minha família, da minha terra; posso não adorar mais meu Deus em Seu templo; posso até ter meu nome trocado, mas, não vou me contaminar com as finas iguarias de Nabucodonosor”. Bem pode ser que Daniel tenha dito essas palavras, pois o v.8 nos diz que **“Resolveu Daniel, firmemente, não se contaminar com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia...”**. Daniel e seus amigos sabiam que se eles se rendessem aos costumes dos caldeus fatalmente acabariam ajoelhando-se diante de seus deuses também. Logo, a firme resolução deles não dizia respeito somente às questões cerimoniais do judaísmo no tocante às comidas, mas, principalmente à rendição e adoração que devem ser dadas somente a Deus. Eles foram levados para serem conformados à cultura dos babilônios, mas, em vez disso, transformaram os costumes daqueles que estavam ao seu redor, tal como nos manda a Palavra de Deus em Rm 12.1-2.

Duas atitudes de Daniel e seus amigos destacam-se aqui no que diz respeito à firmeza deles⁹:

- ✓ **Entrega total a Deus** (Pv 4.23); um coração que ama a Deus não tem dificuldades em fazer escolhas e suportar as consequências das mesmas. Fé não é crer apesar das evidências – isto é superstição; mas sim, obedecer apesar das consequências. Quando tiveram de escolher entre a Palavra de Deus a comida do rei, ficaram com a Palavra;
- ✓ **Usar de sabedoria para com aqueles que estão em posição de autoridade**. Aspenaz, o chefe dos eunucos, mostrara certa gentileza e bondade para com os quatro. Eles em vez de trazerem problemas para ele fazendo-o cumprir uma norma da Lei Mosaica como se fosse um judeu, pediram-lhe que desse um prazo de dez dias para fazerem o teste com legumes e água em vez das finas iguarias do rei. Conquistaram o favor de Aspenaz e provaram que estavam com a razão (v.9-15). Eles não causaram tumulto, não quebraram nada e nem puseram em risco a vida de ninguém. Tão somente usaram a sabedoria que Deus lhes dera.

Atenção!



Os resultados da firmeza desses jovens foram vistos. Eles estavam com uma aparência bem melhor que a daqueles que comeram as finas iguarias do rei (v.15), influenciaram a mudança no cardápio dos demais (v.16). Mas, o principal resultado está nos v.17-21. Deus deu:

⁹ WIERSBE, 2010, vol.4, p.310.

- ✓ Aos amigos de Daniel, conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria (v.17); aplicação aos estudos e inteligência para aprender sobre a cultura, mas, também sabedoria para lidarem com as situações difíceis que uma cultura pagã apresentava.
- ✓ A Daniel, além, dessas qualificações, Deus também deu **“inteligência de todas as visões e sonhos”** (v.17), e como veremos, isso foi um diferencial muito importante.

Algumas semelhanças entre Daniel e seu ancestral José são impressionantes. Ambos foram deportados para uma terra inimiga; ambos estiveram sob a tutela de autoridades inimigas; ambos tiveram o dom da interpretação de sonhos, e ambos foram canais de bênçãos até para os inimigos.

“Vencido o tempo determinado pelo rei para que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe à presença de Nabucodonosor” (v.18). Ali diante do monarca eles foram arguidos **“em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas”**, e o que Nabucodonosor constatou foi impressionante: **“os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino”** (v.20). Não foram apenas melhores que seus colegas, mas, muito melhores que aqueles que já tinham renome de “os mais sábios do reino”. Nabucodonosor não teve dúvidas. Tomou-os para que fossem seus assistentes (v.19).

Comentando o v.20, Warren Wiersbe disse:

“O primeiro ano do reinado de Ciro corresponde a 539 a.C., mas Daniel ainda estava vivo em 537 a.C., o terceiro ano de Ciro (Dn 10:1). Se Daniel tinha 15 anos de idade em 605 a.C., quando foi levado para a Babilônia, então estaria com 83 anos quando recebeu as revelações registradas nos capítulos 10 a 12. Ao ler as profecias de Jeremias (Jr 25.11; 29.10), Daniel compreendeu o plano de Deus para a volta dos judeus a sua terra, a fim de reconstruírem o templo e a cidade (Dn 9.1,2), e viveu o suficiente para ver essa profecia se cumprir!”¹⁰.

Tome nota, é importante!



Estes rapazes nos mostram que devemos ser fiéis no pouco para sermos colocados sobre o muito (cf. Mt 25.21-23). Veremos nos próximos capítulos como Deus dos abençoou. Em todas as ocasiões eles foram firmes em honrar a Deus, e, por isso mesmo, Deus os honrou (cf. 1Sm 2.30).

Se não vivermos para Deus *agora*, nenhum de nós poderá fazer com que uma posição elevada se torne valiosa para Ele. Se não estamos dispostos a permanecer firmes e comprometidos com Ele em pequenas coisas, como o faremos nas grandes? (Stuart Olyott).

¹⁰ WIERSBE, 2010, vol.4. p.313.

O Livro de Daniel

Introdução



Ficar firme na fé em Deus é um ato que deve ser contínuo na vida dos Seus servos. Qualquer descuido pode ser fatal. Daniel e seus amigos haviam passado pela primeira prova, a de resolverem firmemente não se contaminar com as finas iguarias do rei. Agora, uma prova muito mais difícil, e até mesmo impossível aos olhos humanos estava diante de Daniel: revelar o sonho de Nabucodonosor e o seu significado. O protagonista aqui não foi Daniel, nem seus amigos e muito menos Nabucodonosor, mas, sim Deus.

I – As Narrativas (1.1 – 6.28)

- 1.2. Deus revela o significado do sonho de Nabucodonosor a Daniel..... (2.1-49)
 - 1.2.1. A frustração de Nabucodonosor (2.1-13)
 - 1.2.2. A sabedoria de Daniel (2.14-18)
 - 1.2.3. Deus é adorado por Daniel (2.19-23)
 - 1.2.4. A interpretação do sonho por Daniel..... (2.24-45)
 - 1.2.5. Daniel é recompensado (2.46-49)

Aprofundando no texto



1.2. Deus revela o significado do sonho de Nabucodonosor a Daniel (2.1-49)

1.2.1. A frustração de Nabucodonosor (2.1-13)

“No segundo ano do reinado de Nabucodonosor...” há aqui uma aparente discrepância no registro bíblico com relação às datas descritas no Cap.1, pois, se Nabucodonosor capturou Jerusalém no primeiro ano de seu reinado, e Daniel e seus amigos ficaram por três anos confinados (Dn 1.5) como então os fatos aqui aconteceram no “segundo ano” de Nabucodonosor quando Daniel e seus amigos já estavam estabelecidos no corte? João Calvino explica que Nabucodonosor dividiu o trono com seu pai estando este ainda vivo, porém, debilitado. Assim sendo o “segundo ano” aqui era o segundo do reinado exclusivo de Nabucodonosor¹¹. Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra diz:

Visto que o sistema babilônico começou a contar o reinado de Nabucodonosor oficialmente no começo do ano seguinte, o “segundo ano” do reinado de Nabucodonosor poderia significar o fim dos três anos de treinamento de Daniel (1.5). De outro modo, os eventos aqui historiados teriam acontecido durante o treinamento de Daniel.

Nabucodonosor teve um sonho que o perturbou muito a ponto dele perder o sono (v.1). Esse sonho era obra de Deus. Ele então mandou chamar seus magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus¹², e disse que tivera um sonho que o perturbou muito do qual ele queria saber o significado. Eles lhe pediram que contasse o sonho para que pudessem interpretá-lo (v.4)¹³. Mas, foi aí que ele lançou uma questão: ele não lhes contou o sonho, mas, exigiu que eles além de darem o significado, dessem antes o relato do sonho. Ele os ameaçou dizendo que os despedaçaria e transformaria a casa deles em latrina pública (monturo) se eles não lhe revelassem o sonho e o seu significado, mas, se o fizessem seriam recompensados (v.5-6). Eles,

¹¹ CALVINO, 2000, p.80.

¹² “caldeus” aqui não se refere ao grupo étnico da Caldeia, mas, provavelmente, um grupo de astrólogos (cf. Bíblia de Estudo de Genebra). João Calvino nos lembra a origem do nome “caldeu” que era dado às pessoas que tentavam predizer o futuro olhando para as estrelas. Com o passar do tempo, o termo passou a designar tanto os astrólogos quanto os que nasciam na Caldeia (cf. CALVINO, 2000, p. 89).

¹³ De Dn 2.4 – 7.28 a língua utilizada para registrar os eventos é o aramaico.

porém, insistiram em que ele lhes contasse. Mas, ele acusou-os de estarem tentando “**ganhar tempo**” (v.8), ou de estarem mancomunados entre si para enganá-lo (v.9). Mas, eles objetaram dizendo que “**Não há mortal sobre a terra**” (v.10) que pudesse revelar aquilo que ele pedia (o sonho que só ele sabia e o significado que nenhum mortal não sabia).

A fúria do rei se acendeu ainda mais e ele mandou que todos os sábios da Babilônia fossem mortos (v.12-13).

Atenção!



Nabucodonosor não contara o sonho a eles por quê:

- 1) Havia se esquecido do mesmo?
- 2) Ou por que queria testar seus conselheiros?

Os estudiosos se dividem nesse ponto¹⁴. Sendo a primeira opção levantamos os seguintes questionamentos: como ele poderia ter esquecido em poucas horas um sonho (pesadelo) tão perturbador? Se o tivesse esquecido teria o ignorado? Mas, bem sabemos que esquecer de um pesadelo do qual não se pode lembrar os detalhes não é motivo para esquecer que se teve um pesadelo que perturbou o sono. Nabucodonosor sofreu toda aquela noite e pela manhã não se lembrava dos detalhes do sonho. Isso com certeza aumentaria ainda mais sua angústia.

Em sendo a segunda opção (a qual eu sou propenso a aceitar por causa das palavras de Nabucodonosor no v.8 quando ele os acusou de estarem enrolando-o para ganharem tempo, assim como o final do v.9 quando Nabucodonosor disse: “**dizei-me o sonho, e saberei que me podeis dar-lhe a interpretação**”), ele estava testando, pois, um líder sabe quando está sendo bajulado por aqueles que o cercam, e lábios bajuladores falam mentiras para agradar àqueles que os ouvem. Nabucodonosor havia tido um pesadelo horrível e sabia que o seu significado também haveria de ser horrível. Daí não havia espaço para bajulação.

Tome nota, é importante!



As coisas que Deus coloca no coração de um homem, só Ele pode lhe dar a entender. “**Não há mortal sobre a terra que possa revelar**” as coisas de Deus, sem a ajuda Dele.

Aprofundando no texto



1.2.2. A sabedoria de Daniel (2.14-18)

“**Então, Daniel falou, avisada e prudentemente...**” (v.14), ou seja, ele procurou se informar sobre o decreto real de que todos os sábios da Babilônia fossem mortos (v.15), o que obviamente incluía a ele e seus amigos. Depois disso, ele foi falar pessoalmente com o rei e pediu-lhe que determinasse o tempo para que ele lhe trouxesse a interpretação do sonho (v.16). Sendo atendido pelo rei, Daniel então foi para casa e encontrou-se com seus amigos para os quais pediu que o ajudasse intercedendo junto a Deus pedindo “**misericórdia ao Deus do céu sobre este mistério**” (v.18).

Atenção!



Em primeiro lugar, Daniel tomou conhecimento dos fatos; em segundo lugar, conversou com a pessoa certa (o rei); em terceiro, cercou-se de outros servos de Deus

¹⁴ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4. 318.

para ajudá-lo em oração, e, por fim, buscou misericórdia da pessoa certa: o SENHOR Deus. Assim, ele revelou sua grande sabedoria.

Tome nota, é importante!



Quando você estiver diante de uma dificuldade tome pé da situação, saiba o máximo que puder sobre ela. Em seguida, conclame seus irmãos na fé a ajudarem-no em oração. É na presença de Deus em oração que encontraremos o discernimento para a nossa vida. No recôndito da oração grandes tesouros de sabedoria aguardam aqueles que buscam a Deus.

Aprofundando no texto



1.2.3. Deus é adorado por Daniel (2.19-23)

“Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse o Deus do céu” (v.19). Daniel não se pôs como o salvador de si mesmo, de seus amigos e dos demais que estavam ameaçados de morte. Ele também não buscou para si a glória de um “grande intérprete dos sonhos”. O tempo todo Daniel buscou honrar a Deus creditando a Ele toda glória pela capacidade de revelar os significados dos sonhos como nos mostra o desfecho dessa história.

A oração de Daniel registrada nos v.20-23 é muita bela e revela o caráter de Deus:

- ✓ Ele é eterno, e Ele é a sabedoria e o poder, v.20;
- ✓ Ele é quem governa o mundo em todos os seus aspectos, v.21;
- ✓ Ele é o único que conhece os corações dos homens e só Ele pode trazer às claras o que está escondido, v.22;
- ✓ Ele é o único que pode responder às orações dos Seus filhos, pois, só Ele é Deus, v.23.

Atenção!



Assim que recebeu a interpretação do sonho, Daniel glorificou a Deus, e não deixou de fora seus amigos quando disse **“me fizeste saber o que te pedimos”** (v.23). Um coração sábio reconhece de onde vêm as bênçãos para sua vida, bem como sabe como é importante estar cercado de irmãos na fé.

Tome nota, é importante!



Nossas orações têm de ser um instrumento para glorificar a Deus. Quanto mais demonstramos nossa fé Nele, tanto mais o glorificaremos. Nas palavras de A. W. Tozer: “A fé pode tudo aquilo que Deus pode, e a oração pode tudo aquilo que a fé pode, se essa oração for feita pela fé. Um convite a oração é, portanto, um convite a onipotência, pois a oração toma o Deus Onipotente e o traz para dentro de nossas circunstâncias”¹⁵.

Aprofundando no texto



1.2.4. A interpretação do sonho por Daniel (2.24-45)

Nesta parte do capítulo, vemos Daniel indo ao encontro de Arioque, o executor determinado pelo rei, a quem ele pediu para poupar os sábios destinados à morte, bem como que o introduzisse na presença do rei, pois ele tinha a revelação e a interpretação do sonho (v.24-25).

¹⁵ In WIERSBE, 2010, vol.4, p.318.

Quando o rei perguntou a Daniel se ele sabia qual era o sonho e o seu significado (v.26), Daniel lhe respondeu mostrando que os magos estavam corretos, pois, nenhum ser humano seria capaz de dar a revelação e interpretação do mesmo, **“mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios”** (v.28). Neste caso, os mistérios diziam respeito aos **“últimos dias”**.

Do v.28b-35 está registrado o sonho. Nabucodonosor viu uma grande estátua, cuja cabeça era de ouro, o tórax de prata, a cintura e os quadris de bronze, as pernas de ferro, e os pés parte em ferro e parte em barro. Nabucodonosor contemplava aquela estátua quando uma pedra **“cortada sem o auxílio de mãos”** (v.34) foi atirada aos pés da estátua e não somente os destruiu como toda a estátua.

Os v.36-45 trazem a interpretação do sonho. Como nos mostra a gravura (à direita) cada parte da estátua representava um império.

- ✓ A cabeça de ouro era o império Babilônico (636 a 539 a.C.) comandado por Nabucodonosor como está claro nos v.37-38. Como a cabeça da estátua que estava em evidência, da mesma forma era o império Babilônico naqueles dias.
- ✓ O tórax de prata, o qual foi o império Medo-Persa (539 a 330 a.C.) sob o comando de Dario, um pouco inferior, mas, que mesmo assim derrotou a Babilônia.
- ✓ Cintura e quadris de bronze era o império Grego (330 a 63 a.C.), comandado por Alexandre, o Grande, que depois de sua morte foi dividido entre seus generais.
- ✓ Pernas de ferro simbolizavam ao império Romano (63 a.C. a 475 d.C.), **“pois o ferro a tudo quebra e esmíuçá”** (v.40). Mas, o império Romano, apesar de ter a força do ferro, viu-se enfraquecido por causa da miscigenação cultural de seu povo, e de seus líderes que se misturaram **“mediante casamento, mas, não se ligarão um ao outro”** (v.43), como a história romana nos mostra em várias ocasiões. Um reino dividido não pode subsistir.
- ✓ Quem ou o quê pedra cortada sem o auxílio de mãos simbolizava? Concordo com João Calvino que essa pedra representa o Senhor Jesus, pois, o v.35 mostra que essa pedra se tornou uma gigantesca montanha **“que encheu toda a terra”** (o domínio universal de Cristo), e no v.44 diz que Deus suscitaria **“um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmíuçará e consumirá todos os reinos, mas, ele mesmo subsistirá para sempre”**. O único rei e reino de quem a Bíblia faz tal afirmação é o de Cristo. Nabucodonosor entendeu perfeitamente isso, tanto que expressou seu entendimento em sua oração em Dn 4.3,34. Veja também Dt 32.4; Sl 118.22-23.



Atenção!



Infelizmente muitos entendem essa passagem e ficam presos aos detalhes sem se aterem à mensagem principal que é mostrar o domínio de Deus sobre todos os reis. Mesmo o mais imponente reino cai quando Deus quer. O mais humilde pode ser levantado quando Deus quer.

Tome nota, é importante!



Nada em sua vida acontece à revelia da vontade de Deus. Ele é quem comanda todas as coisas. Feliz aquele que é humilde em Sua presença, pois, será recompensado, como mostram os versículos finais desse capítulo.

Aprofundando no texto



1.2.5. Daniel é recompensado (2.46-49)

Nos versículos finais deste capítulo, vemos que Nabucodonosor agora foi tomado por um profundo reconhecimento de que o Deus de Daniel é **“o Deus dos deuses”** (v.47), e por isso mesmo, na presença de Daniel ele se encurvou e prostrou-se diante de Deus ordenando que ofertas de manjares e suaves perfumes fossem apresentados perante Daniel (v.46), o que não devemos pensar que foi um ato de adoração a Daniel, pois, se o tivesse, este teria repreendido o rei, porque em momento algum Daniel tomou para si a glória que é de Deus somente.

Daniel foi engrandecido pelo rei o qual lhe deu **“muitos e grandes presentes”** (v.48) além de tê-lo colocado como o governador de **“toda a província da Babilônia, como também o fez chefe supremo de todos os sábios da Babilônia”**.

Os amigos de Daniel não foram esquecidos. Se deles ele se lembrou na hora da angústia, porque se esqueceria deles agora na hora das recompensas? Por isso solicitou ao rei que os colocasse como administradores dos negócios da província da Babilônia (v.49).

Atenção!



A firmeza de Daniel em sua fé em Deus novamente glorificou a Deus. Uma fé que não glorifica a Deus e não leva os outros a glorificá-Lo com muita probabilidade se trata de mera credence supersticiosa, mas, nunca da verdadeira fé.

Tome nota, é importante!



Mais uma vez vemos Deus honrando a Daniel e seus amigos depois de uma provação na qual Daniel mostrou-se firme em confiar em Deus. Deus honra aqueles que o honram e envergonha aqueles que o desonram.

O Livro de Daniel

Introdução

Este capítulo do livro de Daniel é sem dúvida alguma, um dos mais inspiradores de toda Escritura Sagrada. Ele pode ser intitulado de **“A Fé à prova de fogo”**. *“A fé que não é verdadeira sucumbe nos tempos de provação, mas a fé autêntica lança raízes mais profundas, cresce e glorifica a Deus”*¹⁶.

Que o SENHOR Deus nos conceda sempre a graça de permanecermos firmes em nossa fé Nele quando tivermos que passar por provações.



I – As Narrativas	(1.1 – 6.28)
1.3. Deus é adorado diante dos babilônios.....	(3.1-30)
1.3.1. A Imagem de Nabucodonosor.....	(3.1-7)
1.3.2. Os três jovens que temiam somente a Deus	(3.8-18)
1.3.3. O livramento de Deus e o testemunho desses jovens	(3.19-30)

Aprofundando no texto



1.3. Deus é adorado diante dos babilônios (3.1-30)

Uma estátua de ouro de cerca de 30 metros de altura (v.1), uma comitiva composta por sátrapas, prefeitos, governadores, juizes, tesoureiros, magistrados, conselheiros e todos os oficiais das províncias (cf. v.2 e 3), todos reunidos e ao som da trombeta, do píforo, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música (cf. v.5, 7, 10 e 15) deveriam se curvar diante dessa estátua. Como bem pontua Stuart Olyott: *“Daniel 3 zomba da pompa e da cerimônia de idolatria pagã nele registradas. É escarnecedor”*¹⁷. Diante de toda a Babilônia, três jovens não se curvaram diante de uma estátua diante da qual todo um império se curvara, e tudo isso porque seus corações estavam comprometidos com o SENHOR Deus.

O principal ensinamento aqui não é o poderoso livramento que Deus lhes proporcionou (embora, seja de extrema importância e significado), mas, sim, a firmeza desses jovens em não transigir diante do pecado mesmo correndo risco de morte. **Eles nos mostram que é possível sim ficarmos firmes em nossa fé em Deus mesmo sob a ameaça mais severa.**

1.3.1. A Imagem de Nabucodonosor(3.1-7)

O que ou quem essa imagem representava? Não sabemos ao certo. Alguns pensam que com esta estátua, Nabucodonosor tinha como objetivo colocar-se como mediador entre os deuses e os homens; outros, como Calvino, entendem que a estátua é a expressão do orgulho de Nabucodonosor, e também uma forma de unificar o império por meio de uma só religião¹⁸. Mas, Stuart Olyott e Warren Wiersbe fazem uma afirmação que tem sentido. Pelo fato dos relatos deste capítulo virem imediatamente seguindo os relatos do cap.2 que trata do sonho de Nabucodonosor, no qual ele era a “cabeça de ouro” daquela imagem de seu sonho, o orgulho lhe tomara o coração e ele então fez uma estátua de ouro para que todos a adorassem¹⁹.

A imagem tinha 60 côvados de altura e 6 côvados de largura, ou seja, uns 30 metros de altura por uns 3 de largura, o que estava mais para um poste-ídolo do que para algo em

¹⁶ WIERSBE, 2010, vol.4, p.322.

¹⁷ OLYOTT, 1996, p.37.

¹⁸ CALVINO, 2000, p.185.

¹⁹ OLYOTT, 1996, p.39, e WIERSBE, 2010, vol.4, p.322.

forma humana. Mas Stuart Olyott afirma que a estátua tinha a aparência de Nabucodonosor²⁰. Warren Wiersbe afirma que a estátua era de madeira revestida de ouro, pois, não havia tanto ouro assim no império²¹. Stuart Olyott também concorda que com essa afirmação. Quer tenha sido maciça ou de madeira foleada a ouro, essa estátua ficou muito caro. Ela foi construída no Campo de Dura (v.1), numa área plana cercada de montanhas de forma que podia ser vista a quilômetros de distância.

A cerimônia trazia toda a pompa de um império arrogante e presunçoso. Um arauto ia à frente conclamando o povo que ao som dos instrumentos, se prostrasse diante da estátua (v.4-5), sob a ameaça de ser lançado na fornalha se não obedecesse à convocação (v.6). E assim o povo fez (v.7).

Atenção!



Nem toda a glória de Nabucodonosor, nem toda a pompa da cerimônia realizada podem ser comparadas com a Glória de Deus. Toda a glória humana é produção das mãos dos mortais, mas, a Glória de Deus transcende a tudo.

Tome nota, é importante!



Nabucodonosor tomou arrogantemente para si a interpretação do sonho, e em vez de se submeter a Deus, seguiu seu próprio coração e erigiu uma estátua. Assim é o nosso coração quando se afasta da vontade de Deus, sempre erigirá ídolos para si.

Aprofundando no texto



1.3.2. Os três jovens que temiam somente a Deus (3.8-18)

Se Nabucodonosor infringia medo e pavor a todos, em três homens havia um medo maior: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego temiam ao SENHOR Deus. O único temor capaz de destruir todos os outros temores é o temor a Deus! Nestes três jovens, a autoridade de Nabucodonosor encontrou uma autoridade ainda maior contra a qual nada podia, a saber, a autoridade de Deus. Enquanto todo mundo dobrou seus joelhos, estes três jovens ficaram de pé. Por serem responsáveis por territórios (Cap. 2.49; 3.12) estavam ali no meio do povo. Quando os caldeus viram que eles não obedeceram à voz do arauto, denunciaram os três ao rei, o qual, tomado de ira e fúria mandou que os três fossem trazidos à sua presença, para argui-los sobre a desobediência deles (v.13-14). Dessa feita, os ordenou mais uma vez que se curvassem diante da imagem, sob ameaça ainda mais firme, e com um toque de arrogância a mais: **“E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?”** (v.15). Eles conheciam o SENHOR Deus de Israel, sabiam que Ele está no controle de tudo, até do fogo na fornalha. Por isso mesmo responderam ao arrogante monarca: **“Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste”** (v.16-18).

Atenção!



Quem se curva diante de Deus nunca se encurvará diante dos ímpios e de seus ídolos. A postura desses três jovens em relação a Deus determinou a postura deles diante de Nabucodonosor e de suas ameaças. Eles não se amedrontaram, mas, confiaram em

²⁰ OLYOTT, 1996, p.39.

²¹ WIERSBE, 2010, vol.4, p.322.

Deus. Eles não exigiram de Deus que os livrasse, antes, se dispuseram nas mãos de Deus. Estavam certos de que mortos na fornalha ou se escapassem com vida haveriam de glorificar a Deus – se morressem todos saberiam que eles não se curvaram diante da estátua por amor ao seu Deus; se escapassem com vida (o que de fato aconteceu) glorificariam a Deus mostrando ao povo o Seu infinito poder. Se Deus quisesse livra-los seriam livrados, se não quisesse eles continuariam firmes em sua fé e não adorariam a estátua. Quem conhece o Deus vivo não se entrega a ídolos sem vida.

Tome nota, é importante!



“Ter fé significa obedecer a Deus apesar dos sentimentos dentro de nós, das circunstâncias a nosso redor ou das consequências diante de nós”²². Temos de ter a convicção de que vencendo a tribulação ou morrendo na batalha, glorificaremos a Deus de qualquer forma se tivermos a ousadia de declarar a nossa fé Nele a despeito das circunstâncias serem ou não favoráveis a nós. Estando do lado de Deus nunca perderemos.

Aprofundando no texto



1.3.3. O livramento de Deus e o testemunho desses jovens (3.19-30)

Duas coisas foram acesas: a fúria de Nabucodonosor e a fornalha, esta última, sete vezes mais do que o de costume (v.19). **“A palavra do rei era urgente”** (v.22), e por isso mesmo ordenou que eles fossem atados com seus mantos e lançados na fornalha (v.20-21).

Warren Wiersbe descreve como era essa fornalha²³:

A fornalha era usada na fundição de minério. Tinha uma abertura grande na parte de cima pela qual se colocava a lenha ou o minério no fogo e uma porta na parte de baixo por onde o minério era removido. Uma abertura na parede permitia que os fundidores acompanhassem o processo e, por meio de buracos na parede, era possível usar foles para fazer o fogo arder com maior intensidade. A fornalha era grande o suficiente para que pelo menos quatro pessoas andassem dentro dela.

Os que acenderam a fogueira não suportaram o calor da mesma e morreram (v.22), e quando os três caíram dentro da fornalha (v.23), algo espantosamente impressionante aconteceu. Nabucodonosor percebeu que não haviam mais três pessoas dentro da fornalha, mas, sim, quatro, e todos soltos passeando dentro da fornalha **“sem nenhum dano”**. Mas, o mais estranho estava por ser revelado. Nabucodonosor constatou que: **“o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses”** (v.25).

Mas, quem era este cuja aparência era de **“um filho dos deuses”**? As opiniões se divergem aqui. Calvino por exemplo, afirma que Nabucodonosor viu um ser celestial, um anjo, pois, os anjos sempre foram vistos como filhos de Deus, haja vista algo da glória de Deus sempre ser visto neles²⁴. Outros, porém, como W. Wiersbe²⁵, M. Henry²⁶ e S. Olyott²⁷, alegando que várias vezes o Senhor Jesus Cristo apareceu no Antigo Testamento, em forma humana, antes que viesse em carne humana. Seguindo a lógica desse argumento, todas as vezes que

²² WIERSBE, 2010, vol. p. 324.

²³ Ibid, p.325.

²⁴ CALVINO, 2000, p.218.

²⁵ WIERSBE, 2010, vol.4, p.326.

²⁶ HENRY, 2010, vol.4, p.843.

²⁷ OLYOTT, 1996, p.48.

temos a expressão “Anjo do Senhor” no Antigo Testamento, temos ali uma manifestação do Cristo pré-encarnado (p.ex. Gn 16.7,9,10 e 11; 48.16; Êx 3.2; Nm 20.16; 22.22; Jz 6.21,22; 13.17-19; 2Sm 24.16, entre outras passagens). Diante disso, concluímos que, embora o argumento de Calvino faça sentido, devemos concordar com aqueles que afirmam que este ser celestial na fornalha era o próprio Anjo do SENHOR, a saber, o Senhor Jesus Cristo pré-encarnado, e a base principal que temos para fazermos tal afirmação encontra-se na promessa que Deus fizera em Is 43.1-3:

Mas agora, assim diz o SENHOR, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. ² Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; **quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.** ³ Porque eu sou o SENHOR, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate e a Etiópia e Sebá, por ti.

O SENHOR Deus prometera estar pessoalmente com Seus filhos nas mais diversas aflições. Por este motivo adotamos a interpretação que afirma que este ser era o Senhor Jesus Cristo.

Lá dentro da fornalha eles andavam livremente; as cordas que os amarravam se queimaram (v.25) como Nabucodonosor constatou. Ao se deparar com essa cena e com o ser celestial junto aos três rapazes, Nabucodonosor chamou os três para fora (v.26). Fora da fornalha, os sátrapas, os prefeitos, os governadores e conselheiros do rei testemunham que nem seus cabelos foram chamuscados pelo fogo, nem seus mantos foram danificados, e, nem mesmo cheiro de fumaça havia neles (v.27).

Diante disso tudo, Nabucodonosor disse: “Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou seus servos, **que confiaram nele**, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar o seu corpo, a servirem e adorarem a qualquer outro deus, senão ao seu Deus” (v.28). Que magnífica confissão! Porém, não devemos entender que houve aqui uma conversão verdadeira e nem mesmo completa, principalmente quando olhamos o relato do Cap.4 que nos mostra a arrogância de Nabucodonosor e a forma como foi severamente humilhado por Deus. Vimos no Cap.2 que depois de receber a interpretação de seu sonho por meio de Daniel, Nabucodonosor proferiu uma confissão muito parecido com a que está aqui nos v.28-29 (ver Dn 2.47). Se ele tivesse se convertido mesmo a Deus não teria levantado esta estátua. E mesmo agora (nos v.28-29) se tivesse se convertido de fato, não teria caído no pecado de arrogância e soberba que o levaram à terrível humilhação (vide Cap.4). Como afirma Calvino²⁸:

Contudo, os piores zombadores de Deus podem sujeitar-se-lhe temporariamente, e não dissimuladamente a fim de serem vistos pelos homens, mas com uma disposição sincera. Pois é Deus quem os compele por seu poder; eles, porém, ainda conservam seu orgulho e sua indisciplina íntimos. Tal foi a conversão do rei Nabucodonosor. Estupefato pelo milagre, não pôde resistir a Deus por mais tempo. Mas isso não durou, como veremos um pouco mais adiante.

A fúria e a ira do rei foram aplacadas pelo milagre divino. E não somente isso, mas também houve uma mudança súbita. O rei decretou que se alguém blasfemasse contra o Deus em quem aqueles rapazes confiaram suas próprias vidas, este alguém seria despedaçado e sua casa seria transformada numa latrina pública, **“porque não há outro deus que possa livrar**

²⁸ CALVINO, 2000, p.220.

como este” (v.29). E mais uma vez, os servos de Deus foram abençoados recebendo destaque por parte do rei. Contudo, a maior bênção foi a de verem a glória de Deus ser honrada em suas vidas, e suas vidas serem impactadas com a glória de Deus!

Atenção!



Se os três tivessem dobrado seus joelhos diante da estátua de Nabucodonosor, jamais teriam experimentado a doce companhia de Deus em meio àquela severa fornalha. Antes que Cristo viesse ao mundo, estes três rapazes tiveram o privilégio de estar com Ele.

A confissão que Nabucodonosor fizera aqui é digna de nota. Primeiramente, ele reconheceu que Deus é digno de ser louvado. Em segundo lugar reconheceu que Deus sabe honrar os que Nele confiam. Em terceiro lugar, ele viu que é possível alguém servir a Deus por amor a Ele somente a ponto de se entregar por Ele, pois, a fidelidade a Deus é inegociável e intransigível.

Tome nota, é importante!



Quando você se dispuser a ficar firme ao lado de Deus em meio à uma sociedade depravada que caminha a passos largos para a danação eterna, com certeza você encontrará resistência, ameaças e perseguição. Mas, somente com tal disposição em seu coração é que você honrará a Deus e fará diferença neste mundo. Deus chamou você para fazer diferença neste mundo sendo diferente do mundo. O seu testemunho tem de revelar a pureza e a firmeza da Palavra de Deus. A “fornalha” da provação é para os que são de fato filhos de Deus. Como disse Stuart Olyott²⁹:

Para começar, uma fornalha ardente é certa. Ou ficamos fora da fornalha, com Nabucodonosor, ou dentro dela, com Cristo. Não há meio termo. Mas o lugar de calor irresistível é também o lugar de comunhão intensa com o Salvador. Aqueles que andam por entre as chamas também gozam a certeza de que estão fazendo uma marca indelével, a respeito de Deus, sobre as consciências dos não-convertidos.

²⁹ OLYOTT, 1996, p.51.

O Livro de Daniel

Introdução



“Deus é o Juiz; a um abate, a outro exalta” (Sl 75.8).

“O SENHOR é excelso, contudo, atenta para os humildes; os soberbos, ele os conhece de longe” (Sl 138.6).

“O SENHOR deita por terra a casa dos soberbos; contudo, mantém a herança da viúva” (Pv 15.25).

“Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6).

“Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1Pe 5.5).

“Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a iniquidade” (Sl 5.5).

O que todos esses versículos têm em comum? Todos eles nos mostram a loucura da arrogância e soberba do coração humano. Diante dessa afirmação podemos dizer que Nabucodonosor mostrou-se louco mesmo antes de ser acometido por uma loucura ainda mais explícita. Sim, ele permitiu que o seu coração se ensoberbecesse diante das riquezas e conquistas de seu reino, atitude essa que trouxe sobre ele a ira de Deus.

I – As Narrativas (1.1 – 6.28)

1.4. Deus enlouquece e humilha Nabucodonosor..... (4.1-37)

1.4.1. Nabucodonosor apresenta a razão desse relato (4.1-3)

1.4.2. Nabucodonosor relata o seu sonho (4.4-18)

1.4.3. Nabucodonosor relata a interpretação do sonho..... (4.19-27)

1.4.5. Nabucodonosor relata o cumprimento do sonho..... (4.28-33)

1.4.6. Nabucodonosor relata seu arrependimento, conversão e testemunho..... (4.34-37)

Aprofundando no texto



1.4. Deus enlouquece e humilha Nabucodonosor (4.1-37)

A loucura nem sempre se revela como falta de inteligência. Nabucodonosor era um homem inteligente, porém, não era sábio. Era inteligente em colocar os nobres dos cativos como líderes em seu império a fim de evitar quaisquer levantes dos povos contra seu trono. Ele viu nos filhos de Judá sabedoria como nunca vista em seus sábios. Mas, não foi devidamente influenciado pela sabedoria deles. Pelo contrário, seu coração ensoberbeceu-se diante da interpretação de seu sonho (Dn 2) e erigiu uma estátua de ouro ostentando seu arrogância. Mesmo depois de ver o grande livramento que Deus dera aos três jovens judeus na fornalha, mesmo depois de ter sido divinamente instruído por Deus através de Daniel a que se afastasse da soberba e tratasse com justiça os pobres (4.27), Nabucodonosor inflamou-se em sua soberba e orgulho (4.30) e foi terrivelmente castigado por Deus.

Atenção!



Nabucodonosor teve várias experiências do poder de Deus revelado na vida de Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Como disse Stuart Olyott: “Mas, o convívio com pessoas crentes, por si só, não converte ninguém” ³⁰.

³⁰ OLYOTT, 1996, p.54.

Tome nota, é importante!



Deus sempre coloca pessoas ao nosso redor como Seus instrumentos para nos mostrar a verdade e o rumo que devemos seguir – fiquemos atentos. Além disso, inteligência não é o bastante para uma vida feliz; é necessário termos sabedoria a qual revela temor a Deus.

Aprofundando no texto



1.4.1. Nabucodonosor apresenta a razão desse relato (4.1-3)

Os três versículos iniciais são uma apresentação que Nabucodonosor faz preparando para contar o que lhe acontecera. Obviamente, isso nos mostra que este capítulo foi escrito depois do ocorrido e não durante o mesmo.

Ele começa como os reis daqueles tempos faziam falando de seu domínio sobre o mundo de sua época. Mas, logo no v.2 ele aponta para o Rei dos reis de quem ele diz: **“Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas, as suas maravilhas! O seu reino é reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração”**. Stuart Olyott diz³¹:

Estamos cientes de que o rei conhecia a verdade (*notitia*). Sabemos que a havia reconhecido como a verdade (*assensus*). Mas, agora, parece curvar-se ao Deus do céu (*fiducia*). Não mais fala sobre Ele comparando-o a outros deuses. Suas palavras não admitem que haja quaisquer outros.

Mas, antes que ele chegasse a essa conclusão cheia de humildade seu coração inflamou-se de arrogância diante de Deus – quanta loucura! Portanto, sua razão em apresentar este relato é nos mostrar que só existe um Rei Eterno cujo reino está estabelecido eternamente, muito diferente de qualquer outro reino.

1.4.2. Nabucodonosor relata o seu sonho (4.4-18)

“Eu, Nabucodonosor, estava tranquilo em minha casa e feliz no meu palácio” (v.4). Tranquilo e feliz, assim Nabucodonosor se descrevia. Estes dois termos têm o mesmo significado em hebraico, e, portanto, aqui Nabucodonosor estava expressando a sua arrogância e soberba autoconfiantes³². Não sabemos ao certo quanto tempo se passara desde o episódio da fornalha no capítulo anterior. Alguns estudiosos falam de algo em torno de trinta anos³³, pois, ele estava contemplando tranquilo e feliz suas conquistas; tranquilo porque nenhum inimigo o perturbava, e feliz por ter chegado ao ponto que chegou. Mas, outro sonho lhe trouxe perturbação. Não se tratava de um mero sonho corriqueiro que qualquer um tem, mas, sim, de um oráculo divino como expressão as palavras **“sonho, pensamentos e visões”** (v.5)³⁴.

No v.6 o vemos ordenando que os sábios da Babilônia fossem trazidos à sua presença para lhe darem a interpretação do sonho. Mas, por que ele não chamou logo a Daniel, haja vista a experiência anterior que teve com este dando-lhe a interpretação de um sonho que mago babilônio algum conseguiu lhe dar? Stuart Olyott nos oferece uma resposta convincente³⁵:

A resposta é que Nabucodonosor tinha uma forte ideia a respeito do significado do sonho, mas desejava profundamente que o mesmo não fosse verdade. Por esta razão não chamou a pessoa que, conforme estava convicto, lhe contaria algo que não queria ouvir.

³¹ OLYOTT, 1996, p.57.

³² Cf. CALVINO, 2000, p.239.

³³ WIERSBE, 2010, vol.4, p.329.

³⁴ Cf. CALVINO, 2000, p.240.

³⁵ OLYOTT, 1996, p.58.

A julgar pelas palavras dele no v.7, esse parece mesmo ter sido o motivo pelo qual não chamara Daniel de imediato, pois, diferente do outro sonho, este sonho até foi revelado por Nabucodonosor aos magos, encantadores, os caldeus e os feiticeiros. Ele estava desesperado para que lhe dessem outra interpretação mais favorável. Mandou buscar a Daniel que vivia ali no palácio, a quem tratou com distinção, pois, até lhe dera o nome do seu deus Beltessazar, e reconheceu que Daniel tinha **“o espírito dos deuses santos”** (v.8). Tudo isso, como afirma Calvino, demonstra que Nabucodonosor até então não fora convertido de fato a Deus, e que aqueles momentos em que ele havia reconhecido a grandeza de Deus (cf. 3.29), não passaram de algo ocasional e sem consistência³⁶.

Eis o sonho: uma árvore mui grande e frondosa no meio da terra, ela crescia e ficava cada vez mais forte, e de tão alta que era tocara os céus e era vista de longe. Com muitas folhas e frutos havia alimento em abundância para todos que iam até ela, e os animais descansavam à sua sombra e as aves dos céus se aninhavam em seus galhos. Então, **um vigilante, um santo, que descia do céu** (um anjo) dava ordens para que a árvore fosse derrubada e totalmente destruída causando transtorno a todos quantos estavam debaixo dela. Contudo, o toco e as raízes deveriam ser poupados, pois, esta árvore estava destinada a crescer novamente. Correntes segurariam aquele toco preso à relva e o orvalho a alimentaria. Aquela majestosa árvore seria só mais uma criatura de Deus entre outras criaturas (v.15).

Mas o que vem agora nos v.16-17 deixou Nabucodonosor ainda mais atormentado. Todos os detalhes começando com as correntes que a prenderiam na relva, o coração que lhe seria mudado para não mais ser como coração de homem (árvore com coração?!), e a sentença dada por Deus, não diziam respeito a uma árvore ou a um animal, mas, sim, a um homem, e não um homem qualquer, pois, qual ser humano tinha debaixo de sua autoridade tantas vidas? Que ser humano havia se engrandecido tanto quanto Nabucodonosor naqueles dias que de lugares longínquos era conhecido o seu poder?

E a julgar pelas palavras bajuladoras do v.18, Nabucodonosor esperava que de alguma forma lhe fosse mostrada misericórdia. Mas, nada iria mudar os planos de Deus para aquele homem. Ainda bem!

1.4.3. Nabucodonosor relata a interpretação do sonho (4.19-27)

Nestes versículos vemos o relato de Nabucodonosor sobre a interpretação de seu sonho feita por Deus através de Daniel. A princípio Daniel muito se angustiou a ponto do próprio rei notar e tentar acalmá-lo. As palavras de Daniel no v.19 mostram que seu coração nutria grande consideração pelo rei, e quem dera tudo aquilo acontecesse com os inimigos do rei e não com ele próprio. Mas, Daniel, apesar de ter o dom da interpretação dos sonhos, não previa o futuro e nem mesmo sabia dos planos de Deus, pois, com tudo isso, Deus iria converter de fato Nabucodonosor.

Aquela árvore era Nabucodonosor (v.20-24), logo a interpretação que se seguia era: ele seria expulso de seu palácio e habitaria com os animais no campo, se alimentaria de capim e o orvalho cairia sobre ele mostrando assim que ele não teria nem onde morar. Isso tudo duraria **“sete tempos”**. Seriam sete anos? Pode muito bem ter sido, pois, conforme a narrativa seus pelos e unhas cresceram (v.33). Seu reino tornaria a ser ele novamente (v.26), mas somente **“depois, que tiveres conhecido que o céu domina”**.

No v.27 Daniel aconselhou o rei a que exercesse a justiça e deixasse tudo em ordem, acertasse seu coração diante de Deus, e tivesse misericórdia dos pobres, pois, **“talvez”**

³⁶ Cf. CALVINO, 2000, p.243.

Deus poderia ter misericórdia dele. Mas, foi então que Nabucodonosor deixou aflorar toda a sua arrogância, rebeldia e prepotência diante de Deus.

Atenção!



Nabucodonosor tentou manipular a interpretação daquele sonho valendo-se de bajulação. Daniel não se deixou levar por isso. Pelo contrário, aquilo que Deus lhe mostrara foi o que ele disse a Nabucodonosor.

Assim como Daniel viu a princípio que tudo aquilo era ruim, mas, não sabia do maravilhoso desfecho que Deus tinha preparado (a conversão de Nabucodonosor) nós também não sabemos dos planos de Deus. Por isso devemos nos submeter a Ele.

Tome nota, é importante!



Uma das principais características dos filhos de Deus é a obediência em andar de acordo com a Sua Palavra e em anuncia-la. Andar de acordo com a Palavra de Deus não significa prevermos o futuro como se isso nos fosse possível, mas, sim, obedecer a Deus mesmo não tendo qualquer noção do que iremos de encontrar nos dias futuros, mas, guiarmos o nosso coração somente pela certeza de que Deus está conosco, e a única coisa sobre o futuro que nos importa é a certeza da glória eterna reservada para nós.

Aprofundando no texto



1.4.5. Nabucodonosor relata o cumprimento do sonho (4.28-33)

Deus ainda deu tempo a Nabucodonosor para se arrepender; ele teve um ano para se arrepender e pôr a sua vida em ordem. Em vez disso, um dia contemplando sua belíssima cidade, um feito do seu reinado como nos mostra a História e a Arqueologia, deixou seu coração expressar toda a sua arrogância: **“Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para a glória da minha majestade?”** (v.30). Veja que ele atribuía somente a si as glórias por aqueles feitos, pois, foi pelo seu poder e para a glória de sua majestade.

De repente, sem avisar como antes quer por boca de um profeta ou de outra pessoa, Deus fala ao rei arrogante: **“Já passou de ti o reino”**. Tudo o que havia construído e tudo o que fizera para si mesmo, já não seria mais seu. E expulso do seu palácio e da presença de seus iguais, foi habitar nos campos com os animais como se um deles ele fosse **“até que aprendas que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer”** (v.32).

E a iminência da Palavra de Deus se fez ver **“No mesmo instante, se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor”** (v.33).

Comentando este fato, Stuart Olyott diz³⁷:

Os escritores pagãos do mundo antigo nos contam que depois de travar suas grandes batalhas e haver retomado à Babilônia, Nabucodonosor desapareceu subitamente, reaparecendo apenas um pouco antes de sua morte. Contam que, em certo dia, foi visto no terraço de seu palácio, de onde poderia apreciar toda a sua cidade. Esta foi a última ocasião em que foi visto, passando-se, então, um considerável período de tempo, até que apareceu novamente pouco antes de sua morte. Alguns desses escritores dizem que ele foi tomado por alguma forma de divindade, enquanto outros comentam que foi afligido por uma estranha doença (...) Deus humilhou este rei orgulhoso com uma doença conhecida como “licantropia”, onde a pessoa acredita ser um animal, enquanto, ao mesmo tempo, preserva suficiente consciência interior,

³⁷ OLYOTT, 1996, p.61.

para lembrar-se do que realmente é. Pessoas que sofrem desta terrível enfermidade, agem como o animal que imaginam ser e emitem os ruídos que o caracterizam (...) Uma forma particular desta doença é chamada de “boantropia”. Muitos casos já foram registrados. No século dezanove, houve um número surpreendentemente alto de casos desta doença nas ilhas britânicas. Certas pessoas acreditavam ser bois ou vacas e agiam exatamente como estes animais, não esquecendo completamente sua verdadeira identidade.

Atenção!



O orgulho, a prepotência e a soberba sempre trouxeram desgraça para o homem. Estes pecados nos cegam, nos impedem de ver Quem realmente deve ser visto e honrado – Deus. Por isso, a forma como Deus tratou Nabucodonosor foi para mostrar-lhe não só o quão grande Ele era, mas, o quão insignificante é o ser humano, pois, basta um só ato de Deus, e o homem desce à condição de um animal irracional.

Tome nota, é importante!



Dizem que o tempo muda as pessoas. Isso é mentira. Se fosse verdade Nabucodonosor teria aproveitado aquele ano para isso, mas, ao contrário, permitiu que sua arrogância chegasse ao ápice. Tudo isso aconteceu pela permissão de Deus para que em tudo isso Ele seja engrandecido como o Santo Deus que é até mesmo nos atos perversos dos homens.

Aprofundando no texto



1.4.6. Nabucodonosor relata seu arrependimento, conversão e testemunho (4.34-37)

Ao final dos sete tempos Deus restaurou o juízo de Nabucodonosor. Deus o fizera levantar seus olhos para o céu num ato de fé e obediência (ver Sl 123.1; Is 45.22).

Ao que nos dá a entender estes versículos, dessa vez Nabucodonosor experimentou verdadeira conversão que pode ser vista no louvor a Deus (v.34,35) no qual ele reconheceu que Deus é o Rei dos reis, e o Rei Eterno que jamais terá fim o Seu reinado, que tem ao Seu comando o exército do céu, isto é, as hostes e milícias de anjos celestiais para fazer Sua vontade quando e como Lhe aprouver, cujo poder jamais pode ser detido, muito menos pelas ignóbeis criaturas.

No v.36 vemos que Deus cumpriu a Sua palavra de que Nabucodonosor haveria de ser restaurado ao seu trono e majestade, só que agora, no trono da Babilônia se assentava o grande monarca que levantou tão grande império, mas, no coração desse grande monarca reinava absoluto o Rei dos reis, por isso: **“Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba”** (v.37).

Atenção!



Deus transformou o coração de Nabucodonosor. Aquele que antes tinha um coração de um humano arrogante viu-se mudado para o de um animal (suas ações eram animaisca), para que assim, humilhado pudesse ver o seu coração ser transformado num coração de adorador. Enquanto Deus não o fizera olhar para baixo buscando alimento para sobreviver como um animal o faz, Nabucodonosor não conseguiu olhar para o céu e buscar o seu sustento em Deus.

Tome nota, é importante!



Os meios que Deus usara para transformar Nabucodonosor são os mesmos que Ele usa para transformar corações hoje. Ele quebra o orgulho do homem para que este humildemente clame por Sua misericórdia. Ainda bem que Ele assim o faz. E não há um único ser humano que não necessite ser quebrantado em seu coração; mesmo os mais santos e piedosos dentre os filhos de Deus são alvejados pelo orgulho e soberba. Meditemos no Sl 19.13: **“Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão”**.

O Livro de Daniel

Introdução

“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Rm 2.4)

“Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte, também tu serás cortado” (Rm 11.22).

Enquanto Nabucodonosor depois de ter sido humilhado por Deus rendeu-se a Ele humildemente tornando-se um servo de Deus, Belsazar não teve a mesma atitude e fim.



I – As Narrativas	(1.1 – 6.28)
1.5. Deus repreende o insolente Belsazar	(5.1-30)
1.5.1. A insolência de Belsazar	(5.1-4)
1.5.2. A visão dos dedos que escreviam na parede.....	(5.5-12)
1.5.3. Deus dá a Daniel e interpretação da visão	(5.13-23)
1.5.4. A sentença contra Belsazar	(5.24-28)
1.5.5. Daniel e Belsazar recebem cada qual a sua recompensa.....	(5.29-31)

Aprofundando no texto



1.5. Deus repreende o insolente Belsazar (5.1-30)

1.5.1. A insolência de Belsazar (5.1-4)

O significado de nome Belsazar é “Bel proteja o rei”. Bel era um dos principais deuses dos babilônios. A Bíblia diz que ele **“deu um grande banquete (...) e bebeu vinho na presença dos mil”** (v.1), fato este que Calvino entendia como incomum aos reis antigos, pois, estes banqueteavam sozinhos, haja vista um banquete preparado para uma só pessoa conferia muito mais honra. Porém, o fato dele estar num banquete em vez de estar cuidando nos assuntos do reino que estava sendo atacado por Ciro, o persa, demonstra a sua irresponsabilidade³⁸. Assim, vemos em Belsazar, descaso para com seu próprio reino³⁹.

Outro fato importante aqui é que durante muito tempo, cééticos punham em dúvida a veracidade do texto bíblico alegando que Belsazar nunca existira. Porém, documentos cuneiformes do Oriente Médio encontrados nos dois últimos séculos provaram a existência de Belsazar, o qual embora chamado de rei aqui em Dn 5, era co-regente de seu pai, o rei Nabonido, filho de Nabucodonosor⁴⁰. No v.7, vemos que ele prometeu o “terceiro lugar” no seu reino a quem interpretasse o escrito na parede, o que nos mostra que ele era o segundo, e seu pai, Nabonido, o primeiro.

Neste banquete ele insolentemente, manda trazer os utensílios do templo de Jerusalém que seu avô Nabucodonosor havia trazido, utensílios consagrados ao culto a Deus, agora sendo utilizados num banquete idólatra e promíscuo.

Atenção!



A julgar pelas datas, podemos afirmar com certa segurança que Belsazar quando mais jovem, vivenciou os acontecimentos na vida de seu avô, Nabucodonosor. Por certo viu Daniel interpretando os sonhos de seu avô, bem como o viu pastando no campo como

³⁸ Cf. CALVINO, 2000, vol.1, p.313.

³⁹ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4, p.336.

⁴⁰ Cf. OLYOTT, 1996, p.68.

um animal e depois ser recobrado em seu juízo e dignidade, rendendo-se humildemente a Deus.

Mesmo assim, Belsazar ao ordenar que os utensílios da Casa de Deus fossem trazidos para o banquete tinha a intenção de insultar ainda mais o Deus de Israel.

Tome nota, é importante!



Ver as experiências que os salvos têm com Deus não torna ninguém uma pessoa salva. Se assim fosse, Belsazar também teria sido um servo de Deus. A fé é uma experiência individual.

Outro fato que deve chamar a nossa atenção aqui é o efeito do vinho sobre aqueles que se entregam a ele. O crente não precisa de vinho para ser feliz, pois, ele tem o Espírito Santo em seu coração, Ef 5.18.

Aprofundando no texto



1.5.2. A visão dos dedos que escreviam na parede (5.5-12)

“No mesmo instante” em que Belsazar põe os seus dedos imundos nos utensílios sagrados da Casa do SENHOR Deus, dedos de uma mão de homem na parede começam a escrever algo que ninguém sabia o que era. Alguns detalhes precisam

ser ressaltados aqui:

- ✓ A imagem de dedos (uma mão, cf. v.24), sem estarem ligados a um braço ou corpo causou profundo pavor não só no arrogante rei Belsazar, mas, em todos os seus convidados bajuladores.
- ✓ Esses dedos escreviam “**defronte do candelabro**”, ou seja, na parte mais iluminada da parede estucada do palácio real; não era um jogo de sombras, um truque, e muito menos uma ilusão de olhos bêbados (v.5).
- ✓ O silêncio sepulcral e aterrorizado que substituiu a festança.
- ✓ A arrogância do rei que deu lugar ao pavor, pois, seus pensamentos se turbaram, seu corpo se desconjuntou e os seus joelhos batiam um no outro de tanto medo (v.6).

O rei ordenou “**em alta voz**” (gritos de desespero e medo?) que todos os encantadores, os caldeus e os feiticeiros fossem trazidos para lhe interpretarem o escrito na parede prometendo-lhes honrarias (v.7), fato este que nos lembra o que aconteceu a Nabucodonosor nos dois sonhos que tivera. Mas assim como dantes, esses magos sequer puderam ler o que estava escrito, e muito menos interpretar (v.8). A perturbação do rei aumentou ainda mais, e o seu medo contagiou os seus grandes que estavam com ele (v.9).

O banquete era para o rei e para os seus grandes; as portas estavam fechadas para os demais. A rainha-mãe entrou sem qualquer protocolo exigido das demais pessoas trazendo uma esperança para o seu filho. Ela lhe falou daquele que tinha “**o espírito dos deuses santos**”, que nos dias de Nabucodonosor destacou-se por ser o único capaz de interpretar seus sonhos, e este era Daniel.

Atenção!



O que é descrito agora nos v.5-12 nos remete ao texto de Jó 20.4-7. A maior prova de loucura é alguém afrontar a Deus, pois, Ele não somente sabe como abater como também tem o poder de abater o arrogante.

As palavras da rainha-mãe em referência a Daniel, embora carregadas de paganismo revelaram que ela reconhecia que Daniel tinha uma inteligência e sabedoria sobrenaturais.

Tome nota, é importante!



Daniel era sábio, era reconhecido por ter **“luz, inteligência e sabedoria”**. Todo crente tem disponível essas virtudes para si em Deus. Basta busca-las e pratica-las (Tg 1.5).

Deus poderia ter mandado aqueles dedos escreverem a interpretação, porém, Ele usou o instrumento humano (Daniel). Temos de estar preparados para sermos usados por Deus a qualquer momento. Prontidão é a palavra de ordem para o crente.

Aprofundando no texto



1.5.3. Deus dá a Daniel a interpretação da visão (5.13-23)

Daniel estava bem idoso, com mais de 80 anos nessa ocasião. A julgar pelas palavras da rainha-mãe, é possível que ele não estivesse em plena atividade nos dias de Belsazar, embora o v.13 indique que o rei o conhecia muito bem. Mas, o servo de Deus mesmo na velhice ainda dá frutos (Sl 92.14).

Nos v.14-16 vemos o relato do rei sobre o fracasso dos seus encantadores e sábios diante daquela frase à qual não puderam nem ler e interpretar (cf. v.8). Sabendo que Daniel era capaz de tal proeza, o rei lhe prometeu os mesmos presentes e honrarias prometidas aos sábios do reino, mas, mais uma vez Daniel mostrou onde e em quem estava o seu coração: **“Os teus presentes fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outrem”** (v.17).

A resposta de Daniel (v.18-23) apresenta as seguintes verdades:

- ✓ A honra, a glória e o poder pertencem somente a Deus (v.18): Daniel mostrou a Belsazar que foi Deus quem deu a seu avô Nabucodonosor toda a glória que ele tivera e que agora estava em suas mãos em vias de passar para as mãos do inimigo, Ciro, o persa.
- ✓ Todas as conquistas de Nabucodonosor aconteceram com a permissão de Deus (v.19): **“Por causa da grandeza que lhe deu...”**, isto é, se Deus não tivesse tornado grande o reinado de Nabucodonosor, tal nunca teria acontecido.
- ✓ Deus humilhou o arrogante Nabucodonosor e depois o restaurou (v.20-21): O arrogante Nabucodonosor foi severamente humilhado por Deus, **“até que conheceu que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre ele”**. E ele só voltou à sanidade e ao seu trono porque Deus assim o quis.
- ✓ Belsazar não aprendera com o exemplo de seu avô (v.22-23): Como disse Calvino: *“Tal circunstância deveria ser ainda mais constrangedora; não carecia que saísse em delongada procura por um exemplo entre os povos estrangeiros, porque podia muito bem aprender em casa mesmo tudo o que lhe era necessário e útil saber”*⁴¹. Mesmo sabendo do que Deus é capaz, mesmo sabendo o que Ele fizera a Nabucodonosor, Belsazar se manteve em sua arrogância, e fez questão de ir muito além da arrogância de seu avô, chegando ao ponto de cometer sacrilégio com as coisas de Deus, idolatria e obstinação em relação a Deus.

Atenção!



O profeta repreendeu o rei (Dn 5.18-24) de maneira respeitosa, mas não teve medo de dizer-lhe a verdade. Mesmo que não respeitemos a maneira de viver de alguém, devemos respeitar o cargo que ocupa, “porque não há autoridade que não proceda de Deus” (Rm 13.1)⁴².

Um pecado sempre traz outro em sua companhia. A arrogância de Belsazar o levou ao descuido com seu reino, descaso para com as coisas de Deus, e, principalmente, rebeldia

⁴¹ CALVINO, 2000, vol.1. p.348.

⁴² WIERSBE, 2010, vol.4, p.340.

contra Deus. Um coração que se recusa a dar glória a Deus sofrerá terrivelmente. Assim como Deus concede algo Ele também o retira da pessoa. O orgulho é o pecado de não dar a Deus a glória que Lhe é devida. Alguém pode se mostrar humilde diante das pessoas mas, orgulhoso diante de Deus por não Lhe render a glória devida.

Tome nota, é importante!



As honras deste mundo jamais deveriam seduzir os servos de Deus. Glória incomparavelmente maior os aguarda na presença de Deus.

Nosso coração foi criado para glorificar a Deus e reconhece-Lo em todos os nossos caminhos (Pv 3.5-8). Esta é a maior prova de sabedoria que podemos dar.

Outro fato importante aqui é que Daniel não temia os soberanos deste mundo, embora os respeitasse. Seu temor era para com o Soberano Deus, o Altíssimo.

“Dizemos outra vez: ninguém precisa escolher um caminho especial para ir ao inferno; necessita somente permanecer, por tempo suficiente, no caminho em que se encontra”⁴³.

Aprofundando no texto



1.5.4. A sentença contra Belsazar (5.24-28)

Daniel declara a Belsazar a origem da mensagem: “...da parte dele foi enviada aquela mão” (v.24), ou seja, da parte de Deus, o Altíssimo que humilhara seu avô Nabucodonosor e que estava prestes a fazer o mesmo com ele.

Ao compararmos as palavras do v.25: “MENE, MENE, TEQUEL PARSIM” com a última palavra da sentença “PERES” no v.28, por não conhecermos o aramaico (a língua em que este texto foi escrito) temos a impressão que Daniel mudou a interpretação. Porém, a palavra “PARSIM” é o plural de “PERES”. Por que Daniel trouxe para o singular essa palavra? Com certeza para enfatizar ainda mais a responsabilidade individual de Belsazar.

O significado da frase era:

- ✓ MENE, MENE: “**Contou Deus o teu reino e deu cabo dele**”, ou seja, os dias de Belsazar estavam contados. Não há soberano nesta terra capaz de controlar o curso de seus dias. Tal prerrogativa pertence somente a Deus.
- ✓ TEQUEL: “**Pesado foste na balança e achado em falta**”. Comentando essas palavras, Stuart Olyott diz:

Ele tomou nota das oportunidades em que, na tua meninice, rejeitaste vir a Ele. Anotou todos os convites que desprezaste, convites que tinham o propósito de tornar-te um súdito Dele. Os dedos enviados por Deus, escreveram na parede o teu epitáfio. Sem dúvida, enquanto o faziam, tua vida passada flamejava em tua mente. Teus pecados ocultos e conhecidos, tuas horas desperdiçadas, tua crueldade, teu orgulho, tuas desordens e bebedeiras, tua rejeição às coisas santas e tua resistência ao que é espiritual – Deus pesou tudo. Colocou tudo em sua balança. Ponderou tua vida do princípio ao fim; ela não alcançou, não satisfaz o padrão exigido por Deus (v.27).

- ✓ PARSIM (PERES): “**Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas**”. O reino dele não seria apenas dividido em duas partes, mas, sim, destruído. Ele perderia todo o seu poder e veria o seu reino nas mãos dos medos e persas.

A despeito da recusa de Daniel, Belsazar deu-lhe todas as honrarias que havia prometido, por reconhecer a verdade nos lábios de Daniel, e, possivelmente, numa tentativa de aplacar a ira de Deus. Mas tudo foi em vão. Enquanto ele estava festejando no banquete, seu exército comandado por Nabonido, seu pai, lutava contra os exércitos de Ciro, o persa, que

⁴³ OLYOTT, 1996, p.75.

desviara o curso do rio Eufrates e adentrara às fronteiras da Babilônia com a ajuda de dois sátrapas da Babilônia, Gobrias e Gábata⁴⁴ que traíram seu rei, e assim dominaram-na na manhã do dia seguinte aos fatos aqui registrados no Cap.5. Naquela mesma noite, Belsazar caíra morto, humanamente falando, pelas mãos dos persas, mas, soberanamente, pelas mãos de Deus.

“Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino” (v.31).

A História nos mostra que foi Ciro, o persa, que tomou a Babilônia. Mas, aqui, Daniel nos diz que é Dario. Conforme Calvino, Dario era sogro de Ciro (também conhecido por Cyaxares, ou na forma mais abreviada Xerxes, ou Ciro). Dario era quem comandara o exército. Ciro, concedeu-lhe a cidade da Babilônia para aplacar a fúria do seu coração intempestivo, contentando-se com a glória de ter derrubado o império babilônico⁴⁵.

Atenção!



Deus é quem controla a História da humanidade e a nossa em particular.

Enquanto Belsazar foi morto de forma humilhante (foi traído e capturado), Daniel foi honrado e preservado com vida por mais algum tempo.

Tome nota, é importante!



Belsazar não perdeu somente o seu reino; ele perdeu também o Reino Eterno⁴⁶.

Nenhum de nós sabe quando ouvirá de Deus: “Este é o seu último pecado”, e por isso, mesmo, tudo o que aconteceu a Belsazar também se aplica a cada um de nós.

⁴⁴ Cf. CALVINO, 2000, vol.1, p.357.

⁴⁵ *Ibid*, p.358.

⁴⁶ Cf. OLYOTT, 1996, p.76.

O Livro de Daniel

Introdução

Este capítulo dispensa qualquer introdução mais alongada devido ser uma das passagens mais conhecidas da Bíblia. Contudo, chamamos a sua atenção para o fato de que nessa ocasião Daniel estava bem idoso com mais de 80 anos de idade. Em sua vida toda podemos afirmar que Deus cumpriu Sua promessa para com Seu servo, e, este, permaneceu fiel a Deus nas situações mais difíceis como a que encontramos aqui.



I – As Narrativas	(1.1 – 6.28)
1.6. Deus livra Daniel na cova dos leões.....	(6.1-28)
1.6.1. Babilônia sob nova administração	(6.1-5)
1.6.2. A conspiração contra Daniel	(6.6-9)
1.6.3. Daniel é lançado na cova dos leões.....	(6.10-18)
1.6.4. Deus vinga os inimigos de Daniel.....	(6.19-28)

Aprofundando no texto



1.6. Deus livra Daniel na cova dos leões (6.1-28)

1.6.1. Babilônia sob nova administração (6.1-5)

Alguns estudiosos afirmam que Dario não era o nome de um rei, mas, sim, um título⁴⁷. Continuamos com a posição esposada por Calvino de que Dario era sogro de Ciro e deste recebera a Babilônia para reger.

O império babilônico havia passado; uma liga medo-persa era o império da vez (conforme o sonho de Nabucodonosor). Fontes históricas nos mostram que Dario reinou por pouco tempo, e Ciro assumiu de vez o seu lugar. Mas, enquanto esteve no poder teve a competência de reorganizar a estrutura administrativa do mesmo. Instituiu 120 sátrapas os quais prestavam contas a 3 presidentes, que por sua vez se reportavam a Dario, e tudo isso **“para que o rei não sofresse dano”** (v.1-2). Dentre os três presidentes, estava Daniel que se sobressaía a todos **“porque nele havia um espírito excelente”**, motivo pelo qual o rei pensava em colocá-lo acima dos outros presidentes e imediatamente abaixo do próprio rei (v.3). Isso provocou a inveja e o ciúme dos presidentes e sátrapas, os quais buscavam na administração de Daniel algo que pudessem incriminá-lo junto ao rei, e, assim, fosse deposto e quem sabe até morto. Contudo, nada puderam achar contra Daniel **“porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa”** (v.4). Restava a eles procurarem algo contra Daniel **“na lei do seu Deus”** (v.5) e foi o que fizeram.

Atenção!



O desejo pelo poder tem destruído muitas vidas. Estes inimigos de Daniel em sua sede pelo poder não se aperceberam que o seu plano para destruir Daniel era antes de tudo um ataque a Deus. Devemos ficar atentos com o pecado da ambição pelo poder.

Tome nota, é importante!



Nada na vida de Daniel o incriminava. Aqueles que andam na presença de Deus com fidelidade nunca terão do que ser acusados. Quando o mundo não encontra nada do que nos acusar, com certeza atacará a nossa fé.

⁴⁷ Ver Bíblia de Estudo de Genebra em nota, na p.993 e WIERSBE, 2010, vol.4, p.342.

Aprofundando no texto



1.6.2. A conspiração contra Daniel (6.6-9)

Os inimigos de Daniel então, em conluio atacaram Daniel em sua fé. O que é mais impressionante é vermos que eles sabiam que Daniel não iria negar sua fé em seu Deus, e que por isso mesmo, o plano macabro que fizeram daria certo, e eles conseguiriam ver Daniel não somente ser morto, mas, também envergonhado como um homem não tão confiável assim como o rei pensava que ele fosse.

Com astúcia insuflaram a arrogância e soberba do seu rei, que, como qualquer monarca daqueles tempos se sentia uma divindade. Eles então propuseram ao rei que decretasse solenemente que pelo espaço de trinta dias todos os súditos do reino não deveriam fazer petições aos seus deuses, mas somente ao rei, e se alguém desobedecesse a tal decreto deveria se lançado na cova dos leões.

A proposta soou atraente para Dario, pois, a Babilônia estava esfacelada e dividida, e com este decreto, Dario teria a oportunidade de unificar o povo novamente transformando babilônios derrotados em súditos leais haja vista ele seria o único deus entre eles por um mês. O decreto irrevogável foi assinado pelo rei (v.8-9).

Atenção!



Bajulação e mentira foram as armas usadas pelos inimigos de Daniel foram exatamente as mesmas armas que o diabo usou no Éden contra Adão e Eva. Ainda em nossos dias Satanás sussurra aos ouvidos das pessoas: “Porque sujeitar-se a Deus se você pode ocupar o lugar dele?”.

A arrogância do ser humano chega a tal absurdo de fazê-lo pensar que ele pode ocupar o lugar de Deus. Dario acreditou que pudesse atender às orações das pessoas.

Tome nota, é importante!



Fala-se muito da fé de Daniel, mas não podemos nos esquecer da sua fidelidade a Deus. Será que somos conhecidos por nossa fidelidade a Deus? A espiritualidade de um homem garante a sua integridade.

Com que frequência temos lutado contra o nosso desejo carnal de fazer de nós mesmos os senhores da nossa vida?

Aprofundando no texto



1.6.3. Daniel é lançado na cova dos leões (6.10-18)

Estes versículos mostram a diferença entre o servo de Deus e o ímpio quando estão em angústia. Daniel ao saber do decreto real **“entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer”** (v.10). Dario, quando executou a sentença e lançou Daniel (a quem estimava conforme v.14) muito se angustiou e **“se dirigiu para o seu palácio, passou a noite em jejum e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono”** (v.18).

Os inimigos de Daniel sabiam que ele não deixaria de orar ao Deus de Israel, algo que ele fazia três vezes por dia voltado para Jerusalém (cf. 1Rs 8.42). Assim que tiveram oportunidade seguiram-no e o flagraram orando (v.11), e correndo foram denunciar Daniel ao rei. A acusação deles veio carregada de malícia e astúcia inclusive contra o rei (v.12), pondo em questionamento a força do decreto real, diante do que o rei não pôde retroagir.

Contaram-lhe que seu querido amigo Daniel havia desobedecido o decreto real (v.13). A malícia e astúcia desses homens que antes lhe passaram despercebidas, agora, estavam claras diante de seus olhos, e, **“Tendo o rei ouvido estas coisas, ficou muito penalizado e determinou consigo mesmo livrar a Daniel; e até ao pôr do sol emprenhou por salvá-lo”** (v.14). Mas, aqueles homens invejosos e iníquos fizeram questão de importunar o rei lembrando-o que a sua reputação como monarca estava em risco por ele tentar livrar Daniel da cova dos leões (v.15), ao que Dario acabou sucumbindo, e, em chegando a noite, Daniel foi lançado na cova dos leões.



As palavras de Dario: **“O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre”** (v.16) não devem ser interpretadas como desdenhosas, mas, sim como o real desejo do coração de Dario para com Daniel. Porém, ao mesmo tempo essas palavras atestam o fracasso de Dario em salvar Daniel mesmo tendo sido ele invocado um mês inteiro como se fosse um deus. Que triste ironia.

Todos os seus inimigos e o rei usaram seus anéis para selarem a pedra que tapava a cova. Estes selos sem dúvida alguma foram providência de Deus para constatar que Daniel permanecera a noite toda ali na cova, são e salvo pela mão de Deus.

Atenção!



Dario foi enredado pela vaidade de seu coração e pelas suas próprias palavras. Daniel destacou-se no reino como resultado de sua fidelidade a Deus, e esses resultados lhe trouxeram a inveja de homens maus que o perseguiram. Richard Baxter, um pastor puritano disse: *“O povo de Deus deve preocupar-se mais em ser digno da perseguição do que em livrar-se dela; pois, merecer a perseguição é evidência de fidelidade a Deus”*⁴⁸.

Tome nota, é importante!



Não foi um decreto real ameaçador, nem mesmo a maldade dos homens capaz de interromper a comunhão de Daniel com Deus. Não são as aflições dessa vida que nos afastam de Deus, mas, sim, os nossos pecados.

Outro fato que nos chama a atenção é a firmeza de Daniel que desde sua adolescência mostrou-se firme em sua fé e obediência a Deus. *“Cada vez que dizemos ‘Não!’ ao pecado, estamos mais aptos a fazê-lo novamente. Cada vez que nos rendemos a ele, nossa capacidade para resistir-lhe enfraquece”*⁴⁹.

Aprofundando no texto



1.6.4. Deus vinga os inimigos de Daniel (6.19-28)

O rei Dario mal pôde esperar o dia amanhecer e foi **“com pressa à cova dos leões”** (v.19). À porta da cova **“com voz triste”** em chamou por Daniel: **“Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?”** (v.20). Essas palavras expressam a fé que é comum a todos os pecadores. Assim como Dario, os pecadores não convertidos até admitem a existência de Deus e acreditam que Ele tenha algum poder. Mas a fé de Daniel não somente era exemplar

⁴⁸ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4, p.345.

⁴⁹ OLYOTT, 1996, p.85.

como o próprio rei Dario atestou chamando-o de **“servo do Deus vivo”**, como também era inabalável, pois, mesmo entre leões Daniel desfrutou da presença de Deus.

Se a voz de Dario entrando na cova era fraca e triste, a de Daniel que veio do fundo da cova era forte e vibrante: **“Ó rei, vive eternamente! ²² O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; também contra ti, ó rei, não cometi delito algum”** (v.21-22). Daniel não fora achado culpado diante do Santo e Eterno Deus, e se diante Deste ele era inocente, muito mais o seria diante de mortais iguais a ele.

Não somente a inocência de Daniel foi atestada por Deus, mas também a sua fé, pois **“nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus”** (v.23). A alegria tomou conta do coração de Dario. Mas, além disso, um forte senso de justiça e fúria também apoderaram-se de seu coração em relação àqueles homens perversos, e, por isso, mesmo ordenou que fossem eles lançados na cova dos leões com os **“seus filhos e suas mulheres”** (v.24), e tamanha era a fúria dos leões (e a quantidade deles!) que mal as pessoas chegaram **“ao fundo da cova, e já os leões se apoderam deles, e lhes esmigalharam os ossos”** (v.24). Não foram todos os 120 sátrapas lançados na cova, mas, somente aqueles que acusaram dolosamente Daniel.

É impressionante aqui a justiça de Deus na vida de Daniel. Ele permanecera uma noite toda na presença de leões vorazes que não permitiram aqueles outros chegarem inteiros ao fundo da cova.

Mas, como sempre acontece na vida dos filhos de Deus, tudo concorre para a glória de Deus. Dario ao constatar o poder de Deus na vida de Daniel decretou que em todo o seu reino e domínio todos tremessem e temessem **“perante o Deus de Daniel, porque ele é o Deus vivo e que permanece para sempre; o seu reino não será destruído, e o seu domínio não terá fim. Ele livra, e salva, faz sinais e maravilhas nos céus e na terra; foi ele quem livrou Daniel do poder dos leões”** (v.26-27).

E assim, encerra-se a parte histórica do livro com uma nota impressionante: **“Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o persa”** (v.28).

Atenção!



Daniel não temeu as criaturas de Deus, mas, o Deus Criador. Ele não temeu perder sua posição, seu nome e a própria vida, mas temeu perder sua comunhão com seu Deus! E assim, a confissão de fé de Daniel convenceu o mais poderoso dos homens.

Dario, por sua vez, fez uma confissão de fé com certa beleza. Declarou que Deus deve ser temido e com tremor, é o Deus vivo, é quem livrou Daniel dos leões ferozes, que é eterno e Seu domínio não terá fim. Contudo, sua “fé” necessitava de um decreto para levar outros a adorarem a Deus. Muito diferente da fé de Daniel! Por isso mesmo, enquanto Daniel em ditosa velhice continuava prosperando de um reino a outro, Dario sai de cena dando lugar ao seu genro, Ciro, o persa.

Tome nota, é importante!



Que grande diferença existe entre o crente e o descrente! O descrente prefere os eternos sofrimentos do inferno a suportar perseguição por Cristo e seu evangelho, nesta vida presente. Ao contrário, o crente considera a comunhão com Deus a coisa mais preciosa no mundo. Prefere gozar desta comunhão a viver, e afirma constantemente: **“Tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós”** (Rm 8.18)⁵⁰.

⁵⁰ OLYOTT, 1996, p.92.

O Livro de Daniel

Introdução



Entramos na segunda parte do livro de Daniel, na qual veremos as suas visões proféticas, precisamente, quatro visões.

Essas visões estão registradas em ordem cronológica. Além disso não devemos vê-los como posteriores às narrativas do livro como se fossem as últimas palavras do profeta. Pelo contrário, devemos entender essas visões acontecendo simultaneamente às narrativas como faz Joyce G. Baldwin apresentando uma correlação entre as visões e os seis primeiros capítulos históricos do livro⁵¹:

As visões (Dn 7 -12)

Cap. 7 e 8	correspondem
Cap. 9	corresponde
Cap. 10-12	correspondem

As narrativas (Dn 1 – 6)

Cap. 4 e 5
Cap. 6
Cap. 6 (mais para o final da vida do profeta)

Ao estudarmos essas visões devemos atentar para o que disse Matthew Henry⁵²

“É difícil dizer se essas visões procuram antecipar o fim dos tempos, ou se elas deveriam ter um rápido cumprimento. Nem mesmo os intérpretes mais criteriosos estão completamente de acordo neste ponto”.

Outro dato importante sobre as visões de Daniel é que elas são o que é conhecido como **Literatura Apocalíptica**. Este tipo de literatura foi um recurso muito usado pelo povo de Deus em tempos de severa perseguição. Nestes tempos difíceis, o SENHOR Deus levantava servos Dele os quais traziam uma mensagem de consolo e encorajamento ao Seu povo lembrando a este que Deus não havia se esquecido e muito menos haveria de deixa-los perecendo ali nas mãos dos inimigos, mas que, por zelo à Sua Palavra e Aliança Ele haveria de vir em socorro do Seu povo. O livro neotestamentário do Apocalipse é um bom exemplo desse tipo de literatura assim como os seis últimos capítulos de Daniel.

II. As Visões (7.1 – 12.13)

- 2.1. A visão dos quatro animais e do estabelecimento do Reino de Deus (7.1-28)
 - 2.1.1. Os quatro animais (7.1-8)
 - 2.1.2. O Ancião de Dias julgando (7.9-14)
 - 2.1.3. As interpretações (7.15-28)

Aprofundando no texto



2.1. A visão dos quatro animais e do estabelecimento do Reino de Deus (7.1-28)

2.1.1. Os quatro animais (7.1-8)

Aquele que interpretava os sonhos alheios, agora estava diante de um sonho próprio, uma visão que Deus lhe dera. Essa visão ocorrera no primeiro ano do reinado de Belsazar, o mesmo de Dn 5. Daniel relatou o sonho e também o significado do mesmo (cf. v.1). Devemos o tempo todo estar atentos ao simbolismo das palavras aqui a fim de compreendermos a mensagem.

Nessa visão, o mar Grande era agitado por um vento que soprava de todas as direções (v.2). A figura do “mar Grande” sempre indica os povos e nações pagãs se agitando

⁵¹ BALDWIN, 2008, p.144.

⁵² HENRY, 2010, vol. 4, p.868.

contra o povo de Deus. Os “quatro ventos” aqui são a ação de Deus sobre o coração dos homens, e assim, não haveria para onde fugir, pois, Deus estava ali promovendo tudo isso.

Quatro animais **“grandes e diferentes uns dos outros, subiam do mar”** (v.3). Estes seres embora tragam características de animais que conhecemos, não existem de fato; são apenas figuras que podem acontecer em qualquer sonho. Atente para as expressões **“era como”, “semelhante a”**, o que nos mostra o sentido figurado e simbólico dessas visões, pois, cada uma desses animais (ou seres estranhos) apontava para um reino (cf. v.17).



O primeiro **“era como leão e tinha asas de água”** (v.4). Os comentaristas bíblicos em sua maioria não têm dificuldades de associar essa imagem ao império babilônico, o qual tinha como símbolo um leão alado⁵³. Assim sendo, as palavras **“foram-lhe arrancadas as asas, foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem; e lhe foi dada mente de homem”** tanto apontam para a humilhação que Nabucodonosor sofrera tendo o seu reino e glória arrancados de si e a inversão natural, pois, assim como este leão na visão andava sobre duas patas, Daniel, andou engatinhando e pastando.

O segundo animal **“semelhante a um urso”** que ficará em pé sobre suas patas traseiras, **“na boca, entre os dentes, trazia três costelas”** (v.5). Em nota a Bíblia de Estudo de Genebra diz: “O reino medo-persa é simbolizado por um animal dotado de um apetite voraz. O lado levantado pode representar a posição superior da Pérsia, e ‘três costelas’, provavelmente, represente as conquistas persas da Lídia 546 (a.C), da Babilônia 1539 a.C.) e do Egito”⁵⁴.



Enquanto Daniel olhava para este ser, eis que surge o terceiro animal **“semelhante a um leopardo”** também alado, com quatro asas nas costas e com quatro cabeças e a ele foi **“dado o domínio”** (v.6). Essa figura aqui indica a velocidade (um leopardo com quatro asas) e o domínio (quatro cabeças) desse reino, o qual sempre é indicado como o império grego-macedônio de Alexandre, o Grande. De fato, este conquistou os limites do império persa com muita rapidez, e no seu fim foi dividido em quatro reinos governados por seus generais: a Macedônia ficou com Cassandro; a Trácia e a Ásia Menor com Lisímaco; a Síria com Seleuco, e o Egito, com Ptolomeu.

Mas, o quarto animal ou ser, que apareceu na visão de Daniel era **“terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres”** (v.7). Aqueles que tentam ilustrar esse animal ou ser usam de vasta imaginação, como nos mostra as duas figuras aqui. Novamente, devemos atentar para o simbolismo. Este “animal” simboliza o império de Roma que abarcou todos os reinos anteriores, e teve um domínio muito mais vasto e duradouro que os outros: mais de 800 anos. Foi muito mais poderoso (este é o significado dos chifres: o poder). Concordo com Stuart Olyott⁵⁵ que não vê nesses dez (como fazem os dispensacionalistas) reinos que surgiram depois da queda de Roma. Quem tenta identificar cada um desses dez chifres com algum reino posterior ao de Roma encontra um sério problema: a Escritura não nos dá qualquer indício de quais reinos seriam estes. O que estes dez chifres representam é a totalidade do poder do império romano, que, como já vimos, durou muito mais que os outros.



⁵³ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.16; OLYOTT, 1996, p.104.

⁵⁴ Bíblia de Estudo de Genebra, p.994.

⁵⁵ Cf. OLYOTT, 1996, p.106.

Mas, estando Daniel observando os dez chifres **“eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência”** (v.8). Este décimo primeiro e pequeno chifre, apesar de pequeno é forte, pois, arrancou outros três, e arrogante com o geralmente os ímpios poderosos são escancarando sua boca para falar insolências. Para Calvino, este chifre representa os Césares de Roma⁵⁶; para Stuart Olyott e Warren Wiersbe é o **“homem da iniquidade, o filho da perdição”** (2Ts 2.3-4)⁵⁷; para Matthew Henry⁵⁸, estes pequeno chifre foi Antíoco Epifânio, o qual debilitou terrivelmente os três reinos anteriores, e de quem se dizia ser extremamente arrogante e insolente, como o próprio significado de seu nome indica: Epifânio – manifestação divina!

Penso que a interpretação de Calvino e a de Henry fazem mais sentido e estão mais de acordo com o escopo do livro. Todavia, penso que a interpretação de Henry de que este pequeno chifre tenha sido Antíoco Epifânio é a preferível.

2.1.2. O Ancião de Dias julgando (7.9-14)

O que se segue agora nos v.9-14 é muito mais importante do que o que foi dito até aqui. Da visão de animais horrorosos Daniel passa a ver um Ancião de Dias em glória e majestade. *“Seremos o povo menos favorecido da terra, se gastarmos todo o nosso tempo pensando apenas sobre os animais e os chifres, deixando de observar as outras coisas reveladas ao profeta, naquela noite”*⁵⁹.

Enquanto Daniel olhava tudo isso, eis que tronos foram postos e **“o Ancião de Dias se assentou”** (v.9), que é indubitavelmente, uma referência a Deus no Seu trono julgando as nações. Este é o ponto central deste capítulo. O que Daniel passa a ver vai muito além de um mundo caótico e reinos transitórios arvorando algum poder; o que ele vê a o soberano trono de Deus acima de qualquer outro trono, regendo e julgando as nações. Assim, a queda de um império e o soerguimento de outro não passam de ações planejadas e regidas por Deus em Sua soberania. A linguagem do v.9 é praticamente a mesma aplicada ao Senhor Jesus na visão do apóstolo João em Ap 1.14-15; e a descrição do trono aqui nos lembra a visão de Ezequiel em 1.15-28.

O v.10 descreve o julgamento santo de Deus. O rio de fogo que saía do Seu trono, as miríades angélicas que O servem e os livros sendo abertos por Ele, são figuras do Juízo Divino contra o pecado. Ainda com relação à figuras dos livros sendo abertos, João Calvino relaciona essa imagem à pregação do Evangelho. Segundo ele, os quatro séculos antes de Cristo de total escuridão espiritual sem ter acontecido qualquer revelação de Deus autenticada por Ele próprio, foi destruída de vez quando o Sol da Justiça (Ml 4.2), o Senhor Jesus veio ao mundo revelar-nos o Pai⁶⁰.

O v.11 nos mostra que enquanto Daniel contemplava a tudo isso, eis que aquele quarto animal terrível e espantoso foi morto, despedaçado e entregue para ser queimado por uma simples palavra da boca do Ancião de Dias. Não foi necessária nenhuma guerra. Enquanto isso, os outros três animais (reinos) tiveram retirados pelo Ancião de Dias o domínio e poder, embora tenham sido agraciados com um pouco mais de tempo de vida (v.12).

Os v.13 e 14 são de uma beleza ímpar. Daniel vê o Filho do Homem, ou seja, o Cristo pré-encarnado nesta visão, descendo **“com as nuvens do céu”** encontrando-Se com o Pai e recebendo de Suas mãos o **“domínio, e glória, e o reino, para que os povos e nações e**

⁵⁶ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.32.

⁵⁷ Cf. OLYOTT, 1996, p.107.

⁵⁸ Cf. HENRY, 2010, vol.4, p.869.

⁵⁹ Cf. OLYOTT, 1996, p.107.

⁶⁰ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.43.

homens de todas as línguas o servissem, o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído". Esta é a mensagem central deste capítulo que Deus queria que Daniel compreendesse e passasse para o Seu povo. Não importa quem está no governo humano, o que importa é saber que no trono do universo está o SENHOR Deus reinando absoluto com Seu filho, Jesus Cristo.

2.1.3. As interpretações (7.15-28)

Perplexo com essas visões (v.15), Daniel então se dirigiu a um daqueles anjos que serviam a Deus **"que estavam perto"** e lhe pediu que lhe explicasse aquelas visões, e ele o fez saber o que era tudo aquilo (v.16).

Os quatro animais da visão representavam quatro reis. Porém, no v.3 vemos que eles (os animais) se levantavam do "mar Grande", e aqui, no v.17 diz que os reis **"se levantarão da terra"**. Não há qualquer contradição nessas palavras. Como vimos a figura do mar usada metaforicamente nas Escrituras simbolizam as nações ímpias; dessa forma, esses reis se levantariam dentre as nações. Mas, assim como todos os reinos humanos, estes reinos se levantariam e cairiam. Os únicos a experimentar um reino eterno serão os **"santos do Altíssimo"** (v.18).

Mas, ainda o quarto animal da visão, cuja aparência era completamente diferente da dos demais, intrigava a Daniel, e ele teve **"desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal"** (v.19). E não somente a respeito desse animal, mas também **"a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre de tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros"** (v.20).

Os v.21 e 22 são o cerne de toda literatura apocalítica. Quando os servos de Deus se encontrarem em aperto e atacados pelos inimigos (assim como os santos aqui estavam sendo ferozmente atacados por este chifre insolente, cf. v.21), a ponto de parecer que não há mais esperança, eles devem saber que Deus não os desampará. Daniel viu **"que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuiriam o reino"** (v.22). Essas palavras nos lembram Ap 17.14.

Os v.23-25 descrevem o império romano que foi o maior e mais vasto de todos. Subjugou povos e mudou as leis implantando as suas próprias, e especialmente, derramou o sangue de muitos, muitos filhos de Deus que se recusaram a adorar o imperador e jurar-lhe lealdade para não traírem a Cristo. Eles haveriam de sofrer muito nas mãos desse reino, e, qualquer que seja a interpretação dada à expressão **"um tempo, dois tempos e metade de um tempo"**, não devemos ir além do sentido figurado dessas palavras, a saber, a tribulação dos filhos de Deus teria tempo para começar, durar e terminar. Se o reino que haveria de lhes impor tamanho sofrimento não era eterno, então o próprio sofrimento imposto não seria eterno também.

Os v.26-27 descrevem a vitória dos filhos de Deus sobre os inimigos representados por aquele chifre insolente. Deus instaurará o Seu tribunal e tirará das mãos desse reino o domínio que ele mesmo lhe concedeu (cf. v.6 e 12), e o dará juntamente com a majestade e o próprio reino aos **"santos do Altíssimo"** (v.27), e assim todos Lhe servirão e obedecerão.

Finalizando, o v.28 nos revela a devoção do profeta Daniel. Ele mesmo estando com seus pensamentos muito perturbados e com seu rosto assustado ele diz: **"mas guardei estas coisas no coração"**.

Atenção!



Não devemos nos ater aos detalhes dessa profecia. O que Deus quis mostrar a Daniel foi que:

- 1) Ele é quem estabelece os reinos, autoridades e governos neste mundo;
- 2) Ainda que estes reinos, autoridades e governos não sejam fiéis e devotos a Deus, e até mesmo são opositores Dele, eles não fazem o que bem entendem, pois, até a iniquidade deles está de alguma forma cumprindo os desígnios de Deus na História; Deus está no controle;
- 3) O único reino que é eterno é o Reino de Deus cuja autoridade Ele passou ao Seu Cristo (Ap 11.5).

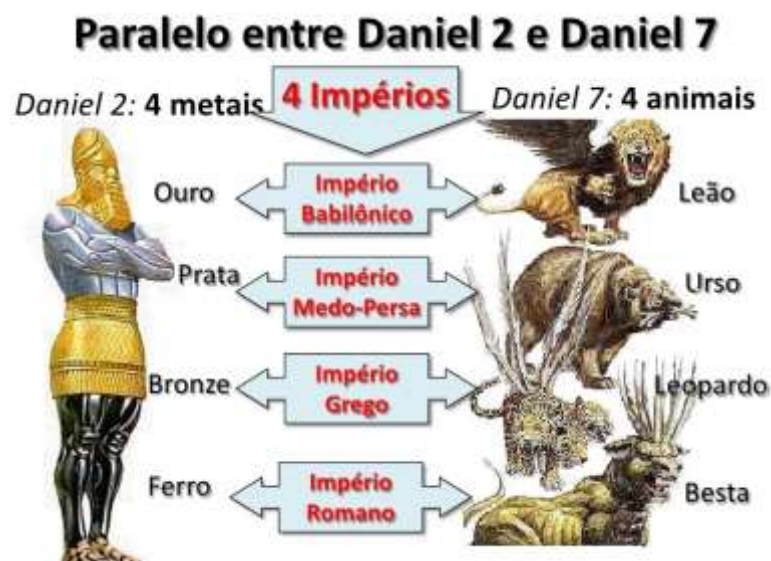
Tome nota, é importante!



Na caminhada com Deus:

- 1) Experimentaremos muito sofrimento. Servos de Deus no passado enfrentaram coisas muito piores que as que enfrentamos hoje, e por certo ainda haveremos de passar por perseguições e dores por amor a Cristo. Que Ele nos ajude!
- 2) Toda aflição em nossa vida cristã tem tempo para começar, durar e terminar. Bem diferente da nossa alegria em Cristo, que nenhuma tristeza, ou autoridade maligna deste mundo podem arrancar de nós. Se o nosso sofrimento é temporal e efêmero, no Reino do nosso Deus é eterno, e a promessa que temos é a de que reinaremos com Ele!
- 3) Nem sempre teremos explicação e esclarecimento de tudo. Andar com Deus não significa adentrar os mistérios celestiais e compreendê-los, mas, sim, muitas vezes fazer como Daniel fez: “guardar estas coisas no coração”, com amor, fé e plena confiança em Deus.

Apêndice



O Livro de Daniel

Introdução

Os fatos e profecias registrados aqui neste capítulo são anteriores à visão dos dedos de mão escrevendo a sentença contra Belsazar na caiadura da parede (Cap.5).

Diferentemente das outras visões que ocorreram à noite, esta do Cap.8 ocorreu durante o dia, pois, se não estivesse consciente, como se explicaria então o fato dele ter perdido a consciência ao final da visão (v.18)?

Outro detalhe importante aqui é que a visão recebeu sua explicação. Portanto, não há muito o que ficarmos buscando além do que está aqui como fazem muitos grupos que acabam por deturpar o ensino bíblico.

Como observa Calvino, os fatos relatados aqui são uma preparação para a primeira vinda de Cristo que ocorreria poucos mais de 500 anos após essas profecias. Deus estavam preparando o cenário mundial para que a **“plenitude dos tempos”** (cf. Ef.1.10)⁶¹. Não perca isso de vista enquanto estudar este capítulo!



II. As Visões	(7.1 – 12.13)
2.2. A visão do carneiro e do bode	(8.1-27)
2.2.1. Os dois animais	(8.1-8)
2.2.2. O pequeno chifre	(8.9-14)
2.2.3. A interpretação.....	(8.15-27)

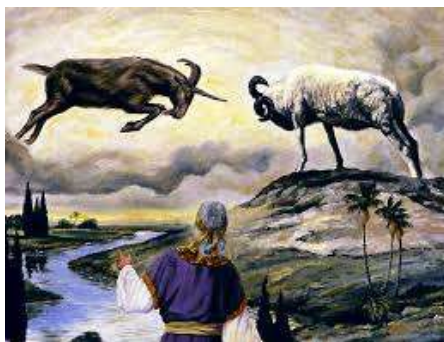
Aprofundando no texto



2.2. A visão do carneiro e do bode (8.1-27)

2.2.1. Os dois animais (8.1-8)

A profecia aqui data de 551 a.C. que foi o terceiro ano do reinado de Belsazar (v.1). Daniel teve a impressão de que estivera em visão na pequena cidade de Susã (v.2), que ficava uns 300 quilômetros a sudeste da Babilônia e não era muito importante nesses dias. A descrição que ele faz aqui de sua estada em Susã nos lembra Ezequiel que fora transportado em espírito para Jerusalém estando na Babilônia, e a João na ilha de Patmos sendo arrebatado em seu espírito.



Estando às margens do rio Ulai, Daniel viu dois animais. O primeiro era um carneiro com dois chifres, sendo que um desses chifres era maior que o outro (v.3). Este carneiro **“dava marradas para o ocidente, e para o norte, e para o sul”** e nenhum “animal” lhe oferecia oposição nem lhe podia resistir, e tudo, ele **“fazia segundo a sua vontade e, assim se engrandecia”** (v.4).

Enquanto Daniel observava aquele carneiro, eis que surgiu sem tocar no chão, um bode que **“vinha do ocidente sobre toda a terra”**, e ele tinha **“um chifre notável entre o olhos”** (v.5).

O bode com seu chifre notável dirigiu-se furiosamente contra aquele carneiro (v.6), e quando começou o embate, o bode feriu o carneiro e quebrou-lhe os dois chifres **“pois não tinha força no carneiro para lhe resistir”**,



⁶¹ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.95.

e, não somente isso, mas, o bode espezinhou o carneiro “e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder dele” (v.7). Contudo, mesmo sendo tão forte e tendo se engrandecido tanto, este bode, no alto de sua força “quebrou-se-lhe o grande chifre, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos” (v.8).

2.2.2. O pequeno chifre (8.9-14)

Este “chifre pequeno” tornou-se muito forte em direção ao sul “para o oriente e para a terra gloriosa” (v.9). Ele cresceu muito até “atingir o exército dos céus” provocando estragos até mesmo entre “alguns do exército e das estrelas” (v.10).

Atingiu também o “príncipe do exército” e tirou dele “o sacrifício diário” e ao “lugar do seu santuário” ele destruiu (v.11). Ele promoveu terrível destruição “e o que fez prosperou” (v.12), ou seja, o que ele pretendeu fazer ninguém pode detê-lo.

A seguir, Daniel viu dois seres a quem ele qualifica como “santos”, os quais dialogavam e um perguntou ao outro: “Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” (v.13). E a resposta foi: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (v.14).

2.2.3. A interpretação (8.15-27)

Assim que recebeu a visão, Daniel tratou de buscar seu significado. Um ser cuja aparência era como “aparência de homem” (v.15) que é identificado como Gabriel a quem foi ordenado por “uma voz de homem de entre as margens do Ulai” (v.16) que desse a entender a Daniel o que era a visão. A muita discussão sobre que era este ser cuja aparência era de homem e que deu ordens a Gabriel. Para Calvino este é o próprio Senhor Jesus Cristo⁶², com o que concorda Stuart Olyott⁶³, Warren Wiersbe⁶⁴ e Matthew Henry⁶⁵.

Ao aproximar-se Gabriel, o profeta prostrou-se cheio de medo mostrando sua reverência para com as coisas de Deus. Não se trata de um ato de adoração ao anjo Gabriel, pois, em nenhuma parte das Escrituras anjos enviados da parte de Deus aceitaram adoração das pessoas, veja, por exemplo, Ap 19.10. E Gabriel lhe disse: “Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim” (v.17). Essa profecia como muitos pensam, não se refere aos últimos dias que antecedem a segunda vinda de Cristo, mas, sim, referem-se aos últimos séculos antes da primeira vinda de Cristo. Como disse Stuart Olyott: “Aqueles que relegam o cumprimento desta visão ao fim do mundo, escolheram suas próprias teorias em lugar das palavras de um anjo”⁶⁶.

Atônito e sem sentidos, Daniel foi amparado pelo anjo Gabriel que o pôs em pé (v.18), e a seguir lhe deu a interpretação (v.19).

- ✓ **O carneiro de dois chifres (v. 20 compare com v.3-4):** o carneiro era o império medo-persa, e os dois chifres sendo um maior que o outro eram os reis da Média e da Pérsia (Ciro e Dario)⁶⁷ que se apoderaram do império da Babilônia;
- ✓ **O bode peludo com o chifre grande (v.21-22 compare com v.5-8):** o bode é claramente o império Grego, tendo a pessoa de Alexandre Magno (ou, o grande) representada na figura desse chifre, que ao ser quebrado viu outros quatro surgirem em seu lugar, isto é, os quatro generais de Alexandre, o grande, que tomaram o seu reino: Cassandro (ficou com a

⁶² Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.126.

⁶³ Cf. OLYOTT, 1996, p.120.

⁶⁴ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4, p.355.

⁶⁵ Cf. HENRY, 2010, vol.4, p.877.

⁶⁶ OLYOTT, 1996, p.121.

⁶⁷ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.141.

Macedônia), Lisímaco (com a Trácia e a Ásia Menor), Seleuco (com a Síria), e, Ptolomeu (com o Egito), **“mas não com força igual à que ele [Alexandre] tinha”** (v.22).

- ✓ **O exército das estrelas e o príncipe do exército (v.10-12):** não devemos pensar nos anjos, mas, sim, no povo de Deus. Por exemplo, em Êx 7.4 e 12.41, Israel é chamado de **“hostes do SENHOR”**. Assim sendo, estes versículos descrevem o povo de Deus sendo perseguido e destruído (não totalmente) pelo seu inimigo, que aqui trata-se especificamente de Antíoco Epifânio como veremos a seguir.
- ✓ **As duas mil e trezentas semanas (v.14):** este foi o tempo do sofrimento causado por Antíoco Epifânio. Se transformarmos essa cifra em anos, teremos algo em torno de 6 anos e 4 meses. Os registros históricos nos mostram que Antíoco devastou os judeus desde 171 a 165 a.C., o que confere com essa cifra.
- ✓ **O rei de feroz catadura e especialista em intrigas (v.23-25 compare com v.9-14):** este foi Antíoco Epifânio que governou a Síria de 175 a 163 a.C. Seu semblante metia pavor a quem estivesse em seu caminho. No alto de sua arrogância se auto intitulou “Epifânio” (manifestação divina), chegando a ordenar que nas moedas que tinham seu rosto a palavra *theos* (deus) fosse escrita. Ele teve grande poder em suas mãos, causou **“estupendas destruições”**, fez tudo quanto desejou como rei e destruiu poderosos, especialmente **“o povo santo”**, ou seja, o povo **“dos santos do Altíssimo”** (7.27), empenhando-se em transforma-los em “bons gregos”. Num de seus atos ele expulsou o sumo sacerdote judeu chamado Onias e em seu lugar colocou Jasom, o defensor dos gregos. Contudo, Jasom foi substituído por Menelau. Enganado por um rumor de que Antíoco Epifânio havia morrido (**“fará prosperar o engano”**!!!), Jasom atacou Jerusalém, o que acabou atraindo a fúria de Antíoco que, em 168 a.C., num sábado enviou 20 mil soldados que saquearam a cidade, mataram a maioria dos homens, e levaram como escravas as mulheres e as crianças. Os poucos homens que restaram se juntaram a Judas Macabeu que liderou uma revolta dos judeus. Warren Wiersbe apresenta os seguintes dados sobre Antíoco Epifânio⁶⁸:

No entanto, o rei ainda não se deu por satisfeito e publicou um édito declarando que haveria uma única religião em seu reino, e que esta não seria a religião dos judeus. Proibiu os judeus de guardar o sábado, de praticar a circuncisão e de obedecer às leis alimentares levíticas e chegou ao ápice de sua campanha em 14 de dezembro de 168 a.C., quando substituiu o altar judeu por outro a Zeus, sacrificando um porco sobre o novo altar! Qualquer judeu que fosse encontrado com uma cópia da lei de Moisés seria morto. Jerusalém acabou sendo liberta pelas investidas corajosas de Judas Macabeu e de seus seguidores, e em 14 de dezembro de 165 a.C., o templo foi purificado, e o altar do holocausto e o culto dos judeus foram restaurados. Esse evento é comemorado pelos judeus na “Festa das Luzes” ou Hanuká (ver Jo 10.22). Antíoco enlouqueceu enquanto estava na Pérsia, onde morreu no ano de 163 a.C.

O fim de Antíoco Epifânio foi tal como profetizara Daniel **“mas será quebrado sem esforço de mãos humanas”** (v.25).

Embora para Daniel o efeito dessa visão tenha sido atordoador, pois, ele se enfraqueceu, adoeceu por alguns dias e ficou espantado com ela (v.28), ela teve um efeito consolador e encorajador nos **“dias ainda mui distantes”** (v.27), isto é, alguns séculos depois de Daniel, nos dias de Antíoco Epifânio, quando os judeus liderados por Judas Macabeu retomaram Jerusalém e venceram os inimigos⁶⁹, afinal, esta é uma **literatura apocalíptica**.

⁶⁸ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4, p.357.

⁶⁹ Leia os livros apócrifos de 1º e 2º Macabeus para conhecer mais detalhes dessa história.

Atenção!



Algumas frases neste capítulo precisam ser ressaltadas:

No v.8 lemos: **“O bode engrandeceu-se sobremaneira; e, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre”**, e no v. 24: **“Grande é o seu poder, mas não por sua própria força”**, e ainda, v.25: **“mas será quebrado sem esforço de mãos humanas”**. O que essas frases têm em comum é o fato de que a mão de Deus é que estava orquestrando tudo isso. É Deus quem põe e tira a quem, quando e como Ele quiser do poder. Os inimigos pensavam (e ainda pensam) que têm algum poder sobre o povo de Deus e sobre os fatos quando na verdade eles estão apenas cumprindo os planos de Deus. Enquanto Antíoco Epifânio, o **“especialista em intrigas”**, astuto e promotor do engano pensava que os seus desejos estavam se cumprindo em transformar os judeus em gregos, a mão de Deus estava preparando o cenário para a vinda de Jesus. É sabido que nos dias de Jesus e dos apóstolos a língua universalmente falada era a língua grega na qual o Novo Testamento foi escrito. Uma língua universal contribuiu muito para a difusão do Evangelho!

Tome nota, é importante!



Outra verdade que extraímos aqui é: não é um carneiro, nem um bode, mas **O Cordeiro de Deus** que **“tira o pecado do mundo”** (Jo 1.29), e quando todos os “bodes” e “carneiros” deste mundo tiverem caído e sucumbido, no trono celeste estará eternamente assentado o Leão descrito como o **“Cordeiro como tinha sido morto”** (Ap 5.5-6) porque de fato Ele **“foi morto desde a fundação do mundo”** (Ap 13.8). Sim, é Ele quem está no controle de tudo. Como disse Stuart Olyott⁷⁰:

Quando todos os outros chifres tiverem surgido e desaparecido, Deus ainda terá um Poderoso! Quando carneiros e bodes tiverem passado pelo cenário da história, Deus ainda terá um Cordeiro! E todo o céu proclamará: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 5.12-13).

⁷⁰ OLYOTT, 1996, p.127.

O Livro de Daniel

Introdução

Neste precioso capítulo do livro de Daniel, “*uma das mais entusiasmantes partes de todo o livro de Daniel*”⁷¹, aprendemos muito sobre o exercício da oração.

Aqui aprendemos sobre oração de confissão e de intercessão, bem como termos a certeza de que Deus sempre nos atende às orações feitas com sinceridade procedentes de um coração temente e piedoso. Neste capítulo também temos a revelação da justiça de Deus contra o pecado do Seu povo.



II. As Visões	(7.1 – 12.13)
2.3. A visão das setenta semanas.....	(9.1-27)
2.3.1. Daniel ora pelo povo	(9.1.19)
2.3.1. Gabriel responde a oração	(9.20-23)
2.3.3. As setenta semanas	(9.24-27)

Aprofundando no texto



2.3. A visão das setenta semanas (9.1-27)

2.3.1. Daniel ora pelo povo (9.1.19)

Os v.1-3 nos dão a ocasião e a motivação dessa oração intercessora de Daniel. O “**primeiro ano de Dario, filho de Assuero**” é por volta de 539 a.C., o ano em que a Babilônia caiu nas mãos do império medo-persa⁷².

Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra nos lembra que “Assuero” aqui, não deve ser confundido com o de Et 1.1, e que possivelmente não se trate de um nome próprio, mas sim, de um título real.

No primeiro ano do reinado de Assuero, Daniel consultando e entendendo “**pelos livros**”, isto, os livros do profeta Jeremias. Naqueles tempos, os livros não eram dispostos na forma como são encadernados hoje. Um livro grande como o de Jeremias, por exemplo, tinha vários rolos, e, por isso, eram chamados de “livros”. Daniel teve de pesquisar nestes rolos, e por isso mesmo teve muito trabalho. Ao deparar-se com Jr 29.10 ele então compreendeu que estava findando o prazo do cativo nas terras da Babilônia, o qual duraria “**setenta anos**”.

Diante dessa constatação, Daniel então se volta para Deus em “**oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza**”.

Nos v.4-19 temos uma “oração modelo” para nós. Toda oração deve ter os elementos constantes nesta oração.

- ✓ **Relacionamento profundo com Deus (v.4,9,10,13,14,15,17,18,19):** os pronomes possessivos “**meu**” e “**nosso**” ditos em relação a Deus é uma característica marcante do relacionamento de Deus com Seus filhos por meio da Sua Aliança estabelecida desde a antiguidade.
- ✓ **Conhecimento do caráter de Deus:** No v.4 ele apresenta Deus como “**grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos**”, ou seja, aqui ele apresenta Deus como **Fiel**. No v.7 ele diz: “**A ti, ó Senhor, pertence a justiça**”, e assim, ele vê Deus como **Justo** em todo o Seu julgamento a nosso respeito. No v.9 ele diz: “**Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão**”, e assim, ele apresenta Deus como “**cheio de amor compassivo**”, pois, no exercício da Sua

⁷¹ OLYOTT, 1996, p.129.

⁷² WIERSBE, 2010, vol.4, p.360.

misericórdia Deus nos dá o Seu perdão. Nos v.12-14 Daniel apresenta Deus como **“Zeloso”** em cumprir Suas promessas, tanto aquelas que são favoráveis a nós quanto as que são desfavoráveis.

- ✓ **Reconhecimento da nossa pecaminosidade latente e do merecido castigo:** Esta oração é uma oração de confissão. Nos v.5-6 Daniel reconhece que o povo estava em pecado diante de Deus, não dando ouvidos (obedecendo) os Seus mandamentos a Sua vontade revelada por meio dos Seus profetas. Por isso, mesmo, a parte que lhes cabia era **“o corar de vergonha”** (v.7-8), a liderança política e religiosa, bem como cada um do povo estava nesta terrível e deplorável situação. A desobediência (v.10-11) se instalara em toda a nação que desprezou a Lei de Moisés, e por isso mesmo, **“as imprecações que estão escritas na Lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram”** sobre todo o povo. O povo havia menosprezado o Nome e a glória de Deus (v.15).
- ✓ **Clamor por Sua misericórdia:** Diante deste Deus santo, justo, zeloso, mas que também é misericordioso, o reconhecimento do pecado próprio e a vergonha por tê-Lo desonrado, a única atitude é a de clamar por misericórdia. Nos v.16-19 Daniel clama a Deus por misericórdia, para si mesmo e para o povo. Outro fato importante aqui é que em momento algum esse pedido de perdão e misericórdia se apresenta como algo merecido. Pelo contrário, Daniel deixa bem claro que é **“segundo todas as tuas [de Deus] justiça”, “por amor do Senhor”, “porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiça, mas em tuas muitas misericórdias”, “por amor de ti [Deus] mesmo”**. Em todo o tempo, o mérito está em Deus e nunca em nós mesmos. Clamar a misericórdia de Deus é clamar por algo que jamais mereceremos.

Atenção!



Temos aqui um modelo de oração, ou seja, nesta oração encontramos elementos que devem estar presentes em nossas orações. A oração é um meio de graça, ou seja, por meio dela Deus nos fortalece a fé e nos faz crescer na graça.

Tome nota, é importante!



A verdadeira oração sempre move o coração do homem em direção a Deus em submissão, reverência, amor e santo temor. Se em nossas orações essas virtudes e bênçãos não têm acontecido, certamente, não estamos orando como convém.

Aprofundando no texto



2.3.1. Gabriel responde a oração (9.20-23)

A que horas ele tinha começado sua oração não sabemos, mas, no momento em que o anjo Gabriel se apresentou a ele foi por volta das 15h **“à hora do sacrifício da tarde”** (v.21), *“Ele vivia na Babilônia, mas ainda media seus horários de acordo com as práticas religiosas judaicas! Seu corpo estava na Babilônia, mas sua mente e coração estavam em Jerusalém”*⁷³. Um coração livre em Deus nunca será escravo mesmo confinado em terra estranha.

Enquanto ele orava o **“homem Gabriel que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde”**. Ao chamá-lo de “homem” Daniel apenas está falando da forma com que o anjo se apresentou a ele. Outra questão aqui é que ao dizer que ele veio “voando” a partir de então criou-se a ideia de que anjos têm asas. Contudo, o que Daniel está nos mostrando aqui é a rapidez com que o anjo de

⁷³ WIERSBE, 2010, vol.4, p.364.

deslocou em direção a ele. Mas, o que importa aqui é que o anjo Gabriel veio lhe dar a “**entender o sentido**” daquela visão.

2.3.3. As setenta semanas (9.24-27)

O que são essas “**setenta semanas**”? O termo “semanas” aqui, literalmente é “setes” (as setenta “setes”), e por isso interpretado como 7x70 totalizando 490 anos (cada sete anos literais compreendem uma semana simbólica). Há basicamente duas abordagens: **Simbólica** (períodos simbólicos de tempo) ou **Literais** (períodos literais de tempo).

No ponto de vista simbólico, essas setenta semanas representam os setenta anos de punição (v. 2) foram multiplicados por sete vezes em consonância com as maldições da aliança Lv 26.18.21.24,28. Há um livro judaico intertestamentário chamado *Jubileus*, que também estrutura a história em períodos de 490 anos.

Enquanto isso, os defensores do ponto de vista literal são de três categorias.

- 1) Alguns estudiosos interpretam estes versículos como se eles se reportassem aos tempos de Antíoco IV, tal como outras profecias de Daniel,
- 2) Outros que interpretam a passagem como se o enfoque primário sobre os acontecimentos estivessem associados **somente** com o **primeiro advento de Cristo** e pouco depois (ponto de vista do primeiro advento);
- 3) Aqueles que interpretam a passagem como tendo referência aos acontecimentos associados **tanto com o primeiro como com o segundo advento de Cristo**, com um intervalo não declarado entre os dois adventos (ponto de vista do segundo advento).

Para complicar ainda mais a situação, dentro de cada uma dessas categorias, os intérpretes individuais diferem quanto a detalhes. Dessa forma, a maioria dos estudiosos entende que “semanas” aqui devem ser entendidas figuradamente como “anos”, sendo duas unidades: uma de 49 anos (sete semanas) e outra de 434 anos (sessenta e duas semanas)⁷⁴. Adoto aqui a abordagem simbólica, e, por isso mesmo, o que importa aqui é vermos essas semanas como **um tempo determinado e delimitado por Deus** para cumprir o Seu propósito em relação ao Seu povo, como de fato aconteceu através do cativeiro babilônico (v.24).

Algumas expressões aqui trazem dificuldades de interpretação e por isso as apresentamos as mais importantes num gráfico:

v.25⁷⁵

“saída de ordem”	
O decreto de Artaxerxes I No sétimo ano de seu governo, ou seja, 457 a.C. (Ed 7. 12-26). “Quarenta e nove anos” depois (408 a.C.), as ruas e as muralhas ao redor de Jerusalém tinham sido terminadas (v. 25).	Profecia de Jeremias Um período que começou em 587 a.C., o tempo da predição de Jeremias (a sua “palavra”) de que Jerusalém seria reedificada (Jr 31.38; 32.15.37,44). “Quarenta e nove anos” depois seria o ano de 538 a.C. o ano em que Ciro permitiu que os judeus cumprissem a profecia de Jeremias retornando à Palestina (Ed 1.1-4).
“até ao Ungido, ao Príncipe”	
O “Ungido” uma referência a Jesus Ligando as “sete semanas” (49 anos) e as “sessenta e duas semanas” (434 anos) como uma sequência contínua, resulta em 483 anos, a correrem de 457 a.C. até 27 d.C.	O “Ungido” como sendo Ciro Também denominado o “ungido” do Senhor, em Is 45.1. Esse ponto de vista separa as “sete semanas” e as “sessenta e duas semanas”. As “sete semanas” se

⁷⁴ Bíblia de Estudo de Genebra, em nota do v.24, p.999.

⁷⁵ *Ibid*, p.999.

ou seja, até aproximadamente o começo dos três anos de ministério público de Cristo. Mas outros intérpretes entendem os 483 anos como se começassem com o “mandamento” de Artaxerxes I, no ano vigésimo de seu reinado (Ne 2.1), ou seja, o ano de 444 a.C., em lugar do sétimo ano de seu governo (Ed 7.12-26), em 457 a.C. Usando-se o ano lunar de 360 dias (como acontece no calendário judaico), essa aproximação atinge a data da crucificação em 33 d.C. Essa data da crucificação de Jesus é possível, embora não seja indiscutível.	passaram entre a destruição de Jerusalém, em 586 a.C., e o decreto de Ciro, em 538 a.C. E “sessenta e duas semanas” (434 anos) seria o tempo durante o qual a cidade seria reconstruída, mais ou menos entre 538 a.C. e 70 d.C. (quando Jerusalém foi destruída pelos romanos). De conformidade com esse ponto de vista, um intervalo de tempo se faz mister entre os dois períodos de “semanas”.
--	---

Enquanto isso, o v.26 é interpretado como referindo-se a Cristo. O “**Ungido**” que será morto é uma referência ao Senhor Jesus. Enquanto isso, o “**príncipe**” destruidor aqui para alguns é o general romano Tito, que por volta do ano 70 d.C., entrou em Jerusalém e a devastou, para aqueles que adotam a abordagem literal vendo aqui não só os fatos do primeiro advento de Cristo como também os referentes ao segundo advento, veem este “príncipe” como o anticristo do fim dos tempos.

O v.27 posto num gráfico fica assim melhor entendido:

“Ele fará firme aliança com muitos”	
O ponto de vista do primeiro advento O “Ungido” “fará firme aliança”, ou seja, poria em execução seu ministério público. Este Ungido é o Senhor Jesus.	O ponto de vista do segundo advento Haverá um intervalo de tempo entre os vs. 26-27, compreendendo que o “príncipe” faria “firme Aliança” com muitos. O “príncipe” será o anticristo, o qual estabelecerá uma aliança com o povo judeu, reunido no território de Israel durante um período de “tribulação” (Dn 12.1; Mt 24.21; Ap 7.14) de sete anos (a septuagésima “semana”).

Agora observe o que disse o Dr. E. B. Pursey sobre os v.26 e 27 (com quem concordo)⁷⁶:

“Tudo isto se consumou em *Um* no evangelho. Ele, o esperado por tanto tempo, veio; *foi* reconhecido como o Messias; *realmente* fez com que os sacrifícios da lei cessassem; *foi* morto e, ainda assim, *fez* aliança com muitos; um exército estrangeiro, de fato, *destruiu* o templo e a cidade. O templo, durante estes 1800 anos, permaneceu desolado; os sacrifícios típicos cessaram, não por que aqueles a quem foram originalmente ordenados desacreditassem de sua eficácia”.

Atenção!



Qualquer uma das interpretações esboçadas aqui traz pontos favoráveis e desfavoráveis. Penso que um equilíbrio deve ser adotado aqui entre a abordagem simbólica (referindo-se aos 490 anos) chegando até à primeira vinda de Cristo, quando Ele foi morto, tal como Gabriel havia afirmado aqui que o Ungido seria morto na 70ª semana. Jogar esta 70ª semana para os dias que antecedem à segunda vinda de Cristo (como fazem os adventistas, por exemplo) é não somente um erro de interpretação como principalmente, negar as Escrituras e afirmar loucuras de sua própria cabeça.

Outro ponto importante aqui é que Daniel não somente contemplou o fim do sofrimento do povo no cativeiro babilônico, como contemplou Aquele que haveria de vir para

⁷⁶ In OLYOTT, 1996, p.141.

libertar o povo de Deus a principal escravidão: a do pecado! Que privilégio teve este servo de Deus!

Tome nota, é importante!



Deus não deixa Suas Palavras caírem por terra. Da profecia dada a Jeremias, tudo se cumpriu e Daniel constatou. Das profecias de Daniel a respeito de Cristo Jesus, tudo se cumpriu, e nós a tudo constatamos. Então, ao olharmos para as profecias do Novo Testamento as quais nos revelam os dias vindouros e tudo o que ainda haverá de acontecer, que o nosso coração jamais duvide, mas creia plenamente na Palavra de Deus!

Ainda ressaltamos o fato de que Daniel clamou a Deus por perdão, misericórdia e graça para com o povo, e a resposta foi dada em Cristo Jesus. Deus fez Daniel olhar para frente e ver o Messias que viria; hoje Ele nos faz olhar para trás e vermos o Messias que veio, e que um dia voltará. Consolemo-nos com essas verdades!

O Livro de Daniel

Introdução

Esta última visão de Daniel abrange 10.1 – 12.13. Como é costume dos profetas do Antigo Testamento, aqui ele coloca em perspectiva as profecias a respeito do reinado de Antíoco IV, o Epifânio, com o reinado que culmina com o fim da nossa era⁷⁷. Por enquanto ficaremos apenas com o Cap.10 o qual apresenta a “introdução” dessa última visão, enquanto que os Caps. 11 e 12 nos trazem o significado dessa visão. Além disso, o Cap. 10 nos mostra que aqueles que se aplicam em buscar o conhecimento de Deus haverão de receber (cf. v.12). Guarde isso em seu coração enquanto meditamos neste capítulo. Uma nota importante aqui é a relação deste capítulo com o Cap. 4 do livro de Esdras. Vejamos isso com mais detalhes.



II. As Visões	(7.1 – 12.13)
2.4. A visão final.....	(10.1 – 12.13)
2.4.1. O anjo traz a mensagem a Daniel	(10.1-21)

Aprofundando no texto



2.4.1. O anjo traz a mensagem a Daniel (10.1-21)

“No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome é Beltessazar” (v.1). Em Ed 1.1-4 o edito de Ciro promovendo a restauração do povo judeu à sua terra e a reconstrução de Jerusalém e do Templo do SENHOR Deus, aconteceu “No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia” (Ed.1.1). Mas, no segundo ano da restauração, os judeus foram interrompidos por seus inimigos que numa manobra por meio de uma carta (Ed 4.8-16), fizeram com que o então rei Artaxerxes (ou Cambises) da Pérsia decretasse a interrupção da restauração de Jerusalém e do Templo (Ed 4.17-24). A visão de Daniel aqui aconteceu no ano seguinte, o terceiro de Ciro. Daniel não voltou para Jerusalém, e tendo por volta dos seus 86 anos seria muito difícil e até fatal uma viagem tão inóspita como essa. Ele achava-se na Pérsia “às margens do rio Tigre” (v.4) nesta ocasião.

Warren Wiersbe afirma que a forma como o v.1 se inicia incluindo o nome babilônico de Daniel (Beltessazar) indica que esta era a forma de um cabeçalho de documentos formais e importantes. Porém, o mais plausível a se pensar aqui é que Daniel queria tanto comunicar-se com seu povo (e por isso usa o seu nome hebraico Daniel) quanto aos gentios (e por isso usa seu nome de escravo, Beltessazar)⁷⁸. A Palavra de Deus é para todos.

Daí quando ele diz: “...a palavra era verdadeira e envolvia grande conflito” indica que “a visão que Deus lhe mostrou era verdadeira, e Daniel compreendeu sua mensagem e estava ciente de que ela se cumpriria muitos anos depois”⁷⁹, na pessoa de Antíoco Epifânio. Assim, o profeta ficou sabendo que o seu povo haveria de passar por terríveis sofrimentos em anos vindouros. Deus lhe dera o entendimento da visão (v.1), como sempre fizera ao Seu servo.

Nos v.2-4 ficamos sabendo que o velho Daniel, apesar de seu corpo debilitado pela idade, mas, não seu espírito e temor a Deus esteve em jejum e pranto na presença de Deus por “três semanas inteiras” (v.3).

Mas qual a razão desse jejum regado a pranto e humilhação? Stuart Olyott afirma⁸⁰:

⁷⁷ Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p.999.

⁷⁸ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.275.

⁷⁹ WIERSBE, 2010, vol.4, p.368.

⁸⁰ OLYOTT, 1996, p.146.

Não o sabemos especificamente. Mas podemos descobrir através do que conhecemos da história do Velho Testamento. Daniel havia desejado e orado para que os judeus retomassem do exílio; e, com o decreto de Ciro, sua oração fora atendida. Alguns judeus haviam retornado. Mas era como se nenhum retomo tivesse acontecido. Somente um pequeno grupo deles se apropriara da oportunidade, dada por Deus, para retornarem. A grande maioria não manifestou um verdadeiro desejo de voltar para sua pátria.

Nada pode deixar mais triste o coração de um servo de Deus do que ver seus irmãos desprezando a restauração que Deus lhes proporciona amoravelmente. O dia **“vinte e quatro do primeiro mês”** (v.4) é conforme o calendário judaico. W. Wiersbe afirma: *“Era o primeiro mês do calendário judaico, quando o povo celebrava a Páscoa, a Festa dos Pães Asmos e a Festa das Primícias (Lv 23.1-14). Daniel não podia comemorar essas ocasiões especiais na Babilônia, mas certamente seu coração estava meditando sobre elas”*⁸¹. Certamente isto agravou ainda mais seu sofrimento.

Estando ele às margens do rio Tigre ele viu um **“homem vestido de linho”**. A descrição desse anjo nos faz lembrar daquele que falou ao anjo Gabriel (Dn 8.16) ou pode ser o próprio Gabriel (9.21). Sua aparência é muito parecida com a da glória do Senhor (Ez 1.26-28; Ap 1.12-16). Mas seria o Senhor Jesus pré-encarnado? Warren Wiersbe crê que sim⁸², e o mesmo fazem Matthew Henry⁸³ e Stuart Olyott⁸⁴. Para João Calvino, era apenas um anjo⁸⁵. Contudo, dado à similaridade desta descrição com a que é feita do Senhor Jesus em Ap 1.12-16, sou propenso a acompanhar aqueles que veem aqui uma manifestação do Senhor Jesus Cristo.

Somente Daniel teve aquela visão (v.7), ao passo que os outros que estavam com ele foram tomados **“grande temor, e fugiram e se esconderam”**. Isso nos lembra o que aconteceu a Saulo no caminho de Damasco na ocasião de sua conversão a Cristo (At 9). Diante da glória do Cristo pré-encarnado ali, Daniel ficou sem forças, seu rosto mudou de cor e se desfigurou (v.8), e ao ouvir as palavras ditas por aquela potente voz **“como o estrondo de muita gente”** (v.6), ele caiu **“sem sentidos, rosto em terra”** (v.9).

Os v.10-12 não só nos mostram o significado (em partes) da visão, como principalmente o amor de Deus para com Seu servo Daniel que foi expresso em ações e palavras.

- ✓ **O amor expresso em ações.** A forma como o Senhor Jesus levanta o Seu servo de seu estado de fraqueza demonstra o Seu amor. Enquanto ele estava ali sem sentidos, **“Eis que certa mão”** o tocou, o sacudiu e colocou-o de joelhos com as mãos espalmadas no chão (v.10). Não foi levantado de uma vez porque ele não teria forças. Um pouco mais fortalecido, Daniel se colocou de pé, mas ainda estava tremendo (v.11).
- ✓ **O amor expresso em palavras.** No v.11 o Senhor Jesus diz a Daniel: **“Daniel, homem mui amado”**. Se ouvirmos isso de nossos semelhantes é muito prazeroso, imaginemos nós ouvir isso da boca do Senhor Jesus? Também disse: **“Não temas”** (v.12), que palavra encorajadora para aquele que estava tremendo de fraqueza! A seguir Daniel ouve: **“foram ouvidas as palavras”**, isto é, as orações do profeta chegaram até Deus. Que demonstração maravilhosa do amor de Deus, pois, sabemos que Ele não atende às orações dos ímpios, mas, as de Seus servos amados, sim.

O v.13 é um dos mais difíceis de ser interpretado em todo o livro de Daniel. Pelo fato de adotarmos a interpretação de que este **“homem vestido de linho”** que falava com

⁸¹ WIERSBE, 2010, vol.4, p.369.

⁸² Ibid, p.370.

⁸³ HENRY, 2010, vol.4, p.890.

⁸⁴ OLYOTT, 1996, p.148.

⁸⁵ CALVINO, 2000, vol.2, p.287.

Daniel era o próprio Senhor Jesus, como explicar o fato do **“Príncipe do reino da Pérsia”** tê-Lo resistido por **“vinte e um dias”**? Stuart Olyott, por exemplo, vê neste **“Príncipe da Pérsia”** a personificação de Satanás, argumentando com base em 1Co 10.20 que por trás dos ídolos estão os demônios enganando as pessoas, e diz⁸⁶:

Da mesma forma, por trás dos deuses nacionais da Pérsia existiam personalidades más e sobrenaturais. Foram estes espíritos maus que levaram as autoridades persas a apoiarem os samaritanos, em suas investidas contra o pequeno grupo de fiéis judeus que do exílio haviam retornado à Palestina. A situação continuara por algum tempo, mas, vinte e um dias antes, Daniel solicitara ajuda celestial. Cristo envolveu-se na situação e o arcanjo Miguel com Ele. Uma batalha espiritual foi travada.

Tal interpretação parece correta. Mas, há ainda outra questão. Como explicar: **“porém, Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me”**? Calvino não vê objeção em designar Miguel aqui como sendo Jesus⁸⁷, visto é claro, entender que o **“homem vestido de linho”** ser apenas um anjo. Porém, se admitirmos que Miguel viera em auxílio de Jesus aí teremos mais problemas. Embora, quando encarnado, o Senhor Jesus foi acudido por anjos (Mt 4.11), isso não faz qualquer sentido no Seu estado de glória pré-encarnado. Poderia por acaso Aquele que é o Deus Eterno necessitar de ajuda de anjos? Os anjos sempre desempenharam um papel importante executando a vontade de Deus a serviço dos homens (Hb 1.7). Pensando assim, e entendendo que os **“vinte e um dias”** aqui do v.13, sejam as mesmas **“três semanas inteiras”** dos jejuns e orações de Daniel (v.3), então podemos entender que a batalha espiritual travada nestes dias a favor dos filhos de Deus, batalha essa que Daniel travou em jejum e oração e que foi um reflexo da que foi travada no reino espiritual pelo Senhor Jesus e Seus anjos contra Satanás e suas hostes, nos leve a pensar o quão importante é o termos uma vida de oração. Lembrando que a profecia aqui está em perspectiva, o mais plausível é entendermos que os v.5-6 referem-se ao Senhor Jesus, que **“a certa mão”** que tocou Daniel no v.10 era de um anjo e este falara com ele nos v.10-15, e, a partir do v.15 outro anjo veio falar com Daniel.

João Calvino oferece outra interpretação para o **“Príncipe da Pérsia”**. Este príncipe é Artaxerxes (ou Cambises), filho de Ciro, o qual revogara o edito de seu pai e acabou interrompendo a reconstrução de Jerusalém⁸⁸, o que parece ser mais plausível como veremos mais à frente nos v.20-21.

Os v.14-21 relatam o Senhor Jesus apresentando o significado da visão a Daniel:

- ✓ v.14: Os **“dias ainda distantes”** para Calvino foram os dias até a primeira vinda de Cristo⁸⁹. Para Olyott são os dias relacionados à segunda vinda de Cristo⁹⁰, o mesmo faz F.F. Bruce⁹¹.
- ✓ v.15-17: a reverência de Daniel diante da glória de Deus foi recompensada. Um anjo veio e lhe **“tocou os lábios”** tal como acontecera com Isaías (Is 6.7). Como isso Daniel pôde entender que a palavra verdadeira que ele deveria anunciar também deveria partir de lábios que foram purificados pela mão de Deus. Mas, diante da glória de Deus, o que é o homem? Por isso mesmo, Daniel se sentiu ainda mais debilitado, agora não porque lhe faltava forças, mas, porque suas forças eram limitadas para suportar tamanha glória.
- ✓ v.18-19: Daniel novamente foi tocado por **“aquele semelhante a um homem”** o qual o fortaleceu. Repetindo aquelas palavras revigoradoras: **“Não temas, homem muito amado!”**. E porque não deveria temer? Porque em lugar do medo Deus lhe prometera paz e força. O

⁸⁶ OLYOTT, 1996, p.151.

⁸⁷ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.299.

⁸⁸ Ibid, p.312.

⁸⁹ Ibid, p.302.

⁹⁰ OLYOTT, 1996, p.151.

⁹¹ Cf. BRUCE (Org), 2009, p.1202.

resultado dessas palavras poderosas foi que Daniel ficou **“fortalecido”**, e a resposta que ele deu foi sobremodo linda: **“fala, meu senhor, pois me fortaleceste”**.

- ✓ v.20: Se aceitarmos a interpretação de Calvino que o Príncipe da Pérsia seja Artaxerxes, filho Ciro, então fica claro que o reino da Pérsia haveria de cair, e em seu lugar surgiria o império grego (como vimos nos Cap. 7 e 8) representando aqui na pessoa do **“príncipe da Grécia”**.
- ✓ v.21: **“a escritura da verdade”** como disse Calvino é o decreto Divino que é inviolável. Assim temos a garantia de que a Palavra de Deus anunciada através do profeta se cumprirá exatamente como Deus quer. Nesta batalha descrita aqui somente Miguel está ao lado de Cristo na luta pelo bem de Seu povo. Como nos lembra Calvino, Deus não está preso a uma regra fixa de ação. No começo do capítulo enviara Jesus a Daniel, depois um anjo, mais outro e Miguel⁹².

Atenção!



De fato, toda resistência pecaminosa contra Deus e Seus propósitos é uma batalha espiritual. De fato, Satanás age através das pessoas e dos líderes mundiais, o que é claro, não isenta as pessoas de seus pecados. Todos haverão de ser julgados por Deus. Contudo, não podemos nunca nos esquecer que não importa quais sejam as investidas de Satanás contra o Reino de Cristo, este jamais logrará algum êxito, pois, é impossível que a criatura vença o Criador.

De certa forma, o processo todo que o Senhor Jesus usou para restabelecer Daniel que havia perdido seus sentidos é uma analogia da nossa santificação preparando-nos para a glorificação. Assim como ele não foi imediatamente dando a Daniel a revelação do significado da visão porque ele se encontrava totalmente debilitado, mas, somente depois de totalmente restabelecidos os seus sentidos é que Cristo lhe revelou o significado, da mesma forma, nós não podemos adentrar a Glória Eterna como estamos, e por isso temos de ser transformados de glória em glória (2Co 3.18) e preparados dia a dia para aquele Grande Dia!

Tome nota, é importante!



À alma que anseia por Deus nada neste mundo lhe atrai, nem as mais finas iguarias, nem os mais doces manjares e ou os mais finos vinhos. A alma que experimenta da presença de Deus, não se contentará com mais nada; a unção com o mais fresco óleo não pode ser comparada à unção do Espírito de Deus.

Deus demorou três semanas para responder ao profeta, mesmo vendo-o enfraquecer-se dia a dia. Deus não é movido por ações manipuladoras (não é o caso de Daniel aqui) como muitos pensam que se Ele os vir sofrendo com jejuns e penitências haverá de Se compadecer deles. Deus age de acordo com Seus propósitos e no tempo por Ele determinado. Em meio aos ataques furiosos de Satanás, em meio à mais ferrenha batalha espiritual, o servo de Deus tem a certeza da presença de Cristo lhe dando a vitória e demonstrando-lhe todo o Seu amor pelo Seu servo.

É a Palavra de Deus que nos fortalece. E uma vez fortalecidos por ela devemos responder positiva e prontamente. Para o nosso socorro Deus pode usar anjos, mas, nunca devemos nos reportar a eles como merecedores de alguma honra ou louvor, pois, isto é pecado (Cl 2.18-19).

⁹² Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.314.

O Livro de Daniel

Introdução



A forma como está dividido o texto aqui prejudica a nossa compreensão do mesmo, pois, ele é a continuação do anterior que termina com as palavras do Cristo pré-encarnado prometendo dar a Daniel o entendimento do que **“está expresso na escritura da verdade”** (10.21), e tal como prometido, a partir do v.2 Daniel recebe de Cristo o entendimento de tudo aquilo.

Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra diz:

A revelação que foi dada a Daniel em 11.2–12.4 divide-se em três partes: Dn 11.2-20 retrata a história do Oriente Próximo desde o tempo de Daniel até o tempo de Antíoco IV Epifânio; Dn 11.21-35 descreve o governo de Antíoco IV; e Dn 11.36–12.4, aparentemente, descreve o tempo do anticristo.

II. As Visões (7.1 – 12.13)

- 2.4. A visão final..... (10.1 – 12.13)
 - 2.4.2. A história do Oriente Médio dos tempos de Daniel até Antíoco (11.1-20)
 - 2.4.3. O reinado de Antíoco..... (11.21-35)
 - 2.4.3.1. Sua ascensão e caráter (11.21-24)
 - 2.4.3.2. Sua trajetória (11.25-31)
 - 2.4.3.3. O destino do povo de Deus durante o seu reinado (11.32-35)

Aprofundando no texto



2.4.2. A história do Oriente Médio dos tempos de Daniel até Antíoco (11.1-20)
“Mas eu, no primeiro ano de Dario...” (v.1) o que coloca os fatos aqui na mesma ocasião do Cap.9.

Conforme Matthew Henry, as palavras do v.1 foram ditas pelo anjo Gabriel (9.21)⁹³. Mas, em nota a Bíblia de Genebra apenas o identifica como o anjo de 10.21, o que é mais plausível. Daniel estava enfraquecido com aquela visão (9.17), e, assim, o anjo veio em seu socorro **“para o fortalecer e animar”**.

Destacamos a seguir os nomes dos reis do Egito (Sul) e da Síria (Norte) que antecederam a Antíoco IV, Epifânio.

Alexandre, o Grande

Do v.2-3 temos aqui uma breve profecia sobre o estabelecimento do império grego sobre as cinzas da Pérsia. E sem dúvida alguma, o v.4 refere-se a Alexandre, o Grande, o qual **“no auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu”**. E assim aconteceu com ele, pois no auge do seu império, ele derrotou os persas em 332 a.C., e, em 323 a.C. estando ele com 33 anos faleceu; seu filho ainda muito pequeno não assumiu o trono, o que fez com que o seu reino foi dividido em quatro menores e dado aos seus quatro generais, como já estudamos no Cap.7.

Ptolomeu I Soter e Seleuco I Nicator

O Sul e o Norte (v.5-6) são o Egito (Sul) conforme o v.8, e a Síria (Norte). Israel ficava entre os dois sofrendo ataques dos dois lados. Com a morte de Alexandre, o Grande, Ptolomeu I Soter, em 322 a.C. assumiu o governo do Egito e foi até 305 a.C. Colocou sob sua

⁹³ HENRY, 2010, vol.4, p.894.

proteção, um príncipe chamado Seleuco que se tornou um grande militar e em pouco tempo, um de seus generais ficando conhecido como Seleuco I Nicator. *“Em 312 a.C., este jovem tomou Babilônia de todos os rivais e estabeleceu o que se tomou o império selêucida, independente, cuja sede encontrava-se na Síria. Cedo ultrapassou em muito o reino ptolomaico, tanto em tamanho como em poder”*⁹⁴.

Ptolomeu II Filadelfo e Antíoco II Teo

Esses dois reinos do Sul (o Egito de Ptolomeu I Soter) e o Norte (a Síria de Seleuco I Nicator) fizeram uma aliança por meio de um casamento. Trinta e cinco anos após a morte de Seleuco I Nicator, Ptolomeu II Filadelfo (Egito), exigiu que Antíoco II Teo (Síria), se divorciasse de sua esposa Laodice, e se casasse com sua filha Berenice. Dois anos depois, com a morte de Ptolomeu II Filadelfo, Antíoco II Teo voltou para sua primeira esposa Laodice, a qual assim que teve oportunidade assassinou a ele e à segunda esposa, Berenice, cumprindo-se assim as palavras do v.6 **“...ela, porém, não conservará a força do seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai e o que a tomou por sua naqueles tempos”**⁹⁵.

Ptolomeu III Euergetes e Seleuco II Calínico

Nos v.7-9 temos os fatos sobre Ptolomeu II Euergetes, que era irmão de Berenice e quis vingar sua morte. Atacou a Síria, a grande potência do Norte, e a derrotou acumulando grande riqueza. Algum tempo se passou sem que houvesse guerra entre eles, até que, em 240 a.C., Seleuco II Calínico atacou o Egito e foi vergonhosamente derrotado tendo que voltar para casa humilhado, cumprindo assim o que diz o v.9: **“Mas, depois, este avançará contra o reino do Sul e tornará para a sua terra”**. Morreu ao cair de um cavalo, e seu filho Seleuco III assumiu o trono, porém, quatro anos depois também morreu sendo assassinado por Antíoco III o Grande que reinou de 223 – 187 a.C.

Ptolomeu IV Filopater e Antíoco III, o Grande⁹⁶

Do v.10-19 temos o próximo momento da História. Os filhos de Seleuco II foram Seleuco III, um general bem-sucedido, mas que morreu em combate, e Antíoco III, o Grande, que deu continuidade à campanha militar da Síria com grande habilidade. Reconquistou o território que havia sido perdido para o Egito, mas em 217 a.C., o exército egípcio derrotou os sírios. Essa derrota não deteve Antíoco III, o Grande, pois ele levou seu exército para o Leste e chegou até a Índia.

Em 201 a.C., Antíoco III, o Grande, reuniu outro grande exército, uniu forças com Filipe V da Macedônia e rumou para o Egito (v.13-16), onde obteve uma grande vitória sobre Ptolomeu V Epífanes (filho de Ptolomeu IV Filopater). Em desobediência à lei de Deus, mas cumprindo as profecias (visão), alguns judeus na Palestina juntaram-se a Antíoco III, o Grande na esperança de libertarem-se do controle egípcio. Contudo, sua revolta foi subjugada (v.14). Antíoco III, o Grande, não apenas conquistou o Egito e Sidom (v.15), mas também a **“terra gloriosa”** da Palestina (v. 16).

Mais uma vez, entra em cena um casamento. Antíoco III, o Grande, ofereceu negociar com os líderes egípcios e dar sua filha Cleópatra I em casamento a Ptolomeu V que, na época, tinha 7 anos de idade! Esperava que a filha enfraquecesse o governo egípcio de dentro para fora e, usasse sua posição para ajudá-lo a dominar a nação. No entanto, Cleópatra foi fiel ao marido, de modo que a estratégia do casamento não funcionou.

⁹⁴ OLYOTT, 1996, p.159.

⁹⁵ Cf. CALVINO, 2000, vol.2, p.332; OLYOTT, 1996, p.159; WIERSBE, 2010, vol.4, p.375.

⁹⁶ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4, p.376.

Antíoco III decidiu atacar a Grécia, mas foi derrotado em Termópilas (191 a.C.) e Magnésia (189 a.C.). O **“príncipe”** do v.18 era o cônsul e general romano Lúcio Cornélio Cipião Asiático, que liderou as tropas romanas e gregas na vitória sobre Antíoco III.

Num encontro anterior, Antíoco III havia insultado o general romano, mas os romanos deram a última palavra. O líder sírio morreu em 187 a.C. e foi sucedido por seu filho, Seleuco IV Filopater, que oprimiu o povo judeu aumentando os impostos a fim de conseguir pagar tributos a Roma. Logo depois de mandar seu tesoureiro, Heliondro, saquear o templo judeu, Seleuco Filopater morreu subitamente (provavelmente envenenado), cumprindo assim o v.20 **“...será destruído, e isto sem ira nem batalha”**. Isso abriu caminho para que o perverso Antíoco IV Epifanes tomasse o trono.

2.4.3.1. Sua ascensão e caráter (11.21-24)

Antíoco IV, que se auto intitulou “Epifânio” (“Ilustre”, “sublime manifesto”) por seu caráter controverso e mui perverso era jocosamente chamado também e “Epimanes” (“Louco”)⁹⁷. Assumiu o trono de seu pai. Aqui, o anjo o chamou de **“homem vil”**. Ele reinou de 175 – 164 a.C., ilegitimamente, visto que seu irmão Seleuco IV tinha um filho que deveria assumir o trono, mas, Antíoco IV o usurpou, e dele a profecia diz: **“ao qual não tinham dada a dignidade real, mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas”**.

O **“príncipe da aliança”** (v.22) é uma figura controversa. Alguns comentaristas dizem que era o sumo sacerdote Onias III, que foi assassinado por apoiadores de Antíoco IV em 172 a.C.⁹⁸. Contudo, olhando para o v.23 que diz: **“Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente”**, não temos dúvida que o **“príncipe da aliança”** seja uma referência a Ptolomeu do Egito com o qual fizera uma aliança a qual fora quebrada quando ele atacou o Egito⁹⁹. De alguma forma Antíoco IV conquistou o coração dos egípcios, e com pouca gente ascendeu ao poder.

No v.24 descreve Antíoco IV como um esbanjador e estrategista. Stuart Olyott o descreve assim¹⁰⁰:

Rapidamente, Antíoco Epifânio se tornou o senhor de um reino esbanjador, no qual ele pôde dispensar toda sorte de riquezas a quem desejasse. Foi também um reino pródigo e imoral. Sua nova situação, no entanto, não mudou suas ambições. Seu coração ainda estava ansioso por conquistar as “fortalezas” do Egito.

2.4.3.2. Sua trajetória (11.25-31)

A profecia descrita nos v.25-26 aconteceu quando com a ajuda de traidores egípcios, Antíoco IV entrou no Egito e devastou o país. A guerra foi um massacre terrível, apesar do Egito ter resistido **“com grande e mui poderoso exército”** por algum tempo. Mas, a estratégia de Antíoco IV foi eficaz em muitos egípcios caíram traspassados (v.26).

O v.27 descreve a profecia de que Antíoco IV e Ptolomeu Filometor seu sobrinho que era rei do Egito nessa ocasião se assentaram numa mesa e estabeleceram uma aliança e um tratado de paz, o que nenhum dos dois tinha intensão em cumprir, mas, somente, ganharem tempo um com o outro, pois, como o anjo revelou **“a uma só mesa falarão mentiras”**. Contudo, não são as decisões e ações humanas que determinam os rumos da História, mas, sim, Deus que faz com que o fim venha **“no tempo determinado”**.

⁹⁷ Cf. OLYOTT, 1996, p.170.

⁹⁸ Bíblia de Estudo de Genebra, nota p.1002.

⁹⁹ Cf. OLYOTT, 1996, p. 170; CALVINO, 2000, vol.2, p.363.

¹⁰⁰ OLYOTT, 1996, p.170.

Nos v.28-30 encontramos a profecia que diz que Antíoco IV, voltaria para Síria com grandes riquezas, e depois se voltaria contra a **“santa aliança”**, isto é, os judeus como de fato fez destruindo parcialmente Jerusalém e o Templo reconstruído. Mas, em 168 a.C. ele investiu novamente contra o Egito (cf. v.29), só que dessa segunda vez não teve o mesmo êxito que tivera da primeira vez. A frota dos **“navios de Quitim”**, comandada pelo proeminente militar romano, Popílio Laenas, chegou à costa do Egito quando soube do avanço das tropas de Antíoco IV. Com a chegada dos navios de Quitim, Antíoco IV, furioso deixa o Egito e se dirige novamente à Palestina para falar com os judeus apóstatas e concentrar ali suas investidas militares daquele momento em diante.

O v.31 descreve a terrível transformação pela qual passou a Palestina nas mãos de Antíoco IV. Ele empenhou-se ao máximo para destruir qualquer resquício da religião judaica. Ele chegou ao ponto de remover do templo o altar das ofertas queimadas para erigir em seu lugar um altar pagão.

2.4.3.3. O destino do povo de Deus durante o seu reinado (11.32-35)

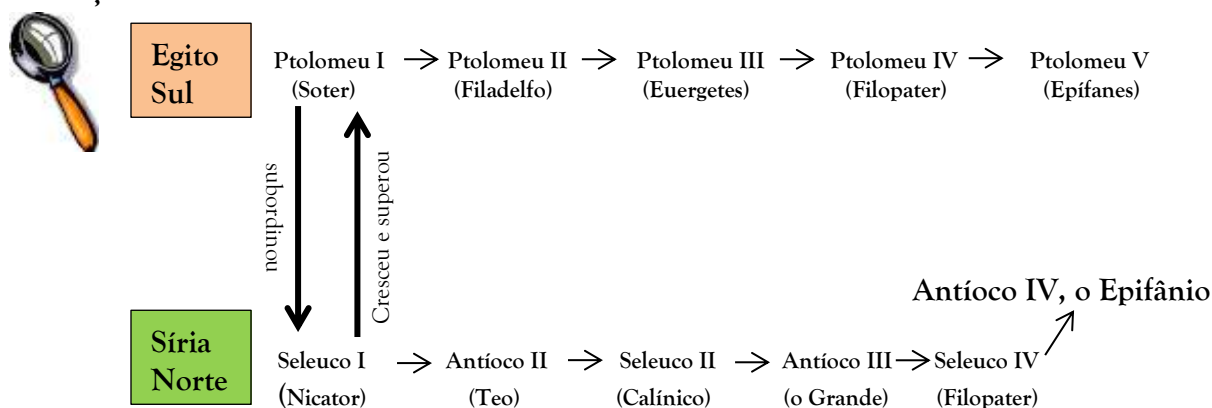
Aqueles descritos aqui como **“Os violadores da aliança”** são os judeus apóstatas que se debandaram para Antíoco IV atraídos por suas lisonjas e bajulações. Mas, como sempre, em meio à apostasia, Deus reservara para Si um remanescente fiel **“o povo que conhece ao seu Deus”** o qual recebeu a promessa de que **“se tornará forte e ativo”** (v.32). Estes foram impulsionados à uma valentia tão grande para não sucumbirem ante aos caprichos de Antíoco IV, que em pouco tempo uma rebelião surgiu de entre os judeus fiéis.

A esperança na vinda do Messias reascendeu nos corações dos judeus ao verem que aqueles **“sábios entre o povo”** (v.33) que proclamavam a vinda do Messias incitando a esperança não deixavam de fazer isso apesar de serem perseguidos e muitos deles serem assassinados.

O v.34 descreve a revolta dos fiéis comandada por Judas Macabeu, a qual ficou conhecida como a **“Revolta dos macabeus”**. Judas Macabeu teve um pequeno grupo apoiando-o, e, apesar de todo o seu empenho, não conseguiu livrar os fiéis, porque muitos hipócritas e medrosos estavam com ele, aos quais, a profecia os descreve como **“muitos se ajuntarão a eles com lisonjas”**.

O v.35 descreve os fiéis como aqueles que ao passarem por terrível perseguição não sucumbirão, em vez disso, serão purificados e embranquecidos. E porque isso acontece aos fiéis? Porque são fortes? Não! Porque confiam em Deus e sabem que **“o tempo determinado”** é, não por homens, mas, por Deus!

Atenção!



Tome nota, é importante!



Ao recapitular a história das relações entre o Egito e a Síria e dos relacionamentos familiares entre os selêucidas, não se pode deixar de ver como a natureza humana não mudou ao longo desses milhares de anos. O mundo antigo teve sua cota de intrigas, falsidade política, violência, ganância e guerra. A cobiça por poder e riqueza levou homens e mulheres a violar os direitos humanos e a transgredir leis divinas, fazendo tudo o que fosse preciso para conseguir o que desejavam. Massacraram milhares de pessoas inocentes, saquearam os desamparados e assassinaram seus próprios parentes só para usar uma coroa ou para ocupar um trono.

Apesar de não ser responsável pelo mal que homens e mulheres fizeram em nome do governo e da religião, Deus ainda é o Senhor da história e continua a realizar seus planos para a humanidade. Estudar os atos perversos de governantes passados poderia nos tomar céticos, mas devemos nos lembrar de que, um dia, “a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Hc 2.14)¹⁰¹.

O tempo de opressão e perseguição, quando vivido na presença de Deus torna-se um momento de fortalecimento espiritual e de memoráveis ações para a glória de Deus.

Ser fiel a Deus não é garantia contra o sofrimento, mas, sim, de que Deus sempre nos recompensará com Sua graça.

¹⁰¹ Cf. WIERSBE, 2010, vol.4, p.376.

O Livro de Daniel

Introdução



Chegamos ao último estudo do Livro de Daniel. E como sempre encontramos aqui um texto difícil de ser interpretado. Os intérpretes ficam divididos se este trecho do livro (11.36 – 12.3) aplicado a Antíoco IV, o Epifânio, sobre quem o Cap. 11 vem tratando, porém, os fatos aqui registrados não aconteceram com Antíoco IV, o que leva outros intérpretes da Bíblia a verem aqui a figura do anticristo que surgirá nos tempos próximos à volta de Cristo. Há uma interpretação mais moderada que diz tratar-se de Antíoco IV sim, só que aqui ele está prefigurando o Anticristo¹⁰². Mas, essa interpretação não tem muita consistência, pois, Antíoco IV, como nos lembra Calvino, não sobreviveu à profanação do templo, e os acontecimentos que daí decorreram não se adequam ao seu tempo. Por isso mesmo, ele vê aqui essas palavras aplicadas ao império romano¹⁰³. Para Stuart Olyott a questão é se aqui temos a descrição do Anticristo ou de mais um dos muitos anticristos que o precederão – Daniel os viu em perspectiva¹⁰⁴. Warren Wiersbe por sua vez, vê nesta figura a pessoa do Anticristo, a quem Paulo chama de o “homem da iniquidade” (2Ts 2.3). Nós adotaremos aqui a interpretação que aponta para o Anticristo.

II. As Visões (7.1 – 12.13)

- 2.4.4. O reinado do anticristo (11.36 – 12.13)
- 2.4.4.5. Seu caráter..... (11.36-39)
- 2.4.4.6. Suas obras..... (11.40-45)
- 2.4.4.7. O destino do povo de Deus durante o seu reinado (12.1-4)
- 2.4.4.8. Uma mensagem final do profeta (12.5-13)

Aprofundando no texto



2.4.4. O reinado do anticristo (11.36 – 12.13)

2.4.4.1. Seu caráter (11.36-39)

O Anticristo aqui é descrito como alguém extremamente arrogante e prepotente. Fará a sua própria vontade, se engrandecerá e se colocará acima de todas as religiões chegando ao absurdo de se postar **“contra o Deus dos deuses”** falando coisas absurdas, blasfemas, será próspero em suas riquezas, **“até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito”** (v.36). Aqui temos já a primeira prova de que não se trata de Antíoco IV que apesar de aceitar o título de divindade, mas, embora tenha afrontado o Deus de Israel, nunca se colocou contra todas as religiões. Porém, o Anticristo o fará assim trazendo todas as religiões debaixo do seu “guarda-chuvas ecumênico”. Contudo, quem limita o seu tempo de ação, e até mesmo todas as suas ações é o próprio Deus contra quem ele se levanta.

O v.37 descreve a total falta de afeição no coração desse indivíduo. Ele desprezará a religião de seus pais, ou seja, dos que vieram antes dele, e desprezará o desejo das mulheres. Alguns aqui entendem que se trata do desejo que as mulheres judias tinham de ser a mãe do Messias. De fato, havia mesmo essa expectativa nas judias piedosas. Logo, o Anticristo se colocará contra tudo o que traz glória e enaltece a Cristo.

¹⁰² Cf. HENRY, 2010, vol.4, p.900.

¹⁰³ CALVINO, 2000, vol.2, p.400.

¹⁰⁴ Cf. OLYOTT, 1999, p.174.

Os v.38-39 para Calvino descrevem o império romano, o qual se colocava contra os deuses dos povos dominados e em seu lugar colocavam a César. Contudo, é importante lembrar que embora o imperador romano exigisse adoração a si, havia certa tolerância para com as religiões dos povos. Logo, aqui a descrição aponta para o Anticristo novamente.

Atenção!



O Anticristo será uma figura singular que surgirá nos dias próximos à volta de Cristo. Porém, desde a antiguidade sempre se levantaram inimigos contra o povo de Deus e depois contra a Igreja. Assim sendo, todo aquele que se coloca contra a Igreja de Cristo é um anticristo (está contra Cristo). Antes de sua conversão, o apóstolo Paulo era um, assim como todo pecador o é até ser convertido a Cristo.

Tome nota, é importante!



Todo aquele que traz consigo as características do Anticristo descritas nestes versos está do lado dele. Em vez de ficar procurando alguém com essas características pecaminosas e malignas, o crente deve olhar para Cristo e Nele firmar sua fé dia a dia.

Aprofundando no texto



2.4.4.2. Suas obras (11.40-45)

As obras de uma pessoa revelam o seu caráter, e o seu caráter determinam suas obras. Estes versículos não podem ser interpretados literalmente, isto é, em referência a Antíoco IV, o Epifânio, como muitos o fazem, pois, o povo de Edom (v.41) não existia mais nos dias de Antíoco.

“**No tempo do fim**”, isto é, na consumação dos séculos com a volta do Cristo. A batalha que aconteceu entre o rei do Sul (Egito sob o comando de Ptolomeu) contra o rei do Norte (Síria sob o comando de Antíoco IV, o Epifânio) veio a ser um ícone exemplificando o que será nos tempos do fim.

Os v.40-45 são de difícil interpretação. Muitos os veem como históricos, e com isso os aplicam à Antíoco IV, Epifânio. Contudo, no v.45 descreve como seria a morte dele na “**terra gloriosa**”, no “**monte glorioso**”, isto é, Jerusalém. Ocorre que ele não morreu na Palestina, mas, sim, na Síria, como narra Políbio¹⁰⁵:

“Na Síria o rei Antíoco, procurando conseguir dinheiro, decidiu fazer uma expedição contra o santuário de Artemis, em Elimais. Chegando ao local, teve as suas esperanças frustradas, quando as tribos bárbaras que habitavam nas redondezas não permitiram esta violação; e, na sua retirada, veio a morrer em Tabe na Pérsia, atacado de loucura, como dizem alguns, devido a certas manifestações de desfavor divino, quando tentava cometer este sacrilégio no santuário acima referido”.

Por conta disso, outros preferem uma interpretação puramente escatológica, isto é, apontando para o fim dos tempos, para a manifestação do Anticristo antes da volta de Cristo. Contudo, há detalhes aqui que não se encaixam com tal interpretação. Joyce Baldwin nos oferece uma alternativa que é coerente: interpretar este trecho em “perspectiva profética” como já temos feito em outras partes deste livro. Ele diz¹⁰⁶:

¹⁰⁵ In BALDWIN, 2008, p.213.

¹⁰⁶ *Ibid*, p.214.

Parece . . . que nem uma interpretação exclusivamente histórica e nem uma exclusivamente escatológica sejam satisfatórias, e que devemos deixar o espaço para uma dupla referência, para uma interligação do histórico com o escatológico. O histórico é ainda futuro ao tempo em que o livro foi escrito, mas se relaciona com uma situação reconhecível, identificável quando o evento tiver lugar. Outras partes do discurso miram em direção à segunda vinda e o fim desta era.

Atenção!



Tomar fatos proféticos e os colocar em perspectiva nos dá uma condição não só de entendermos o que o autor sagrado (o profeta) está dizendo como principalmente vemos que as profecias bíblicas são verdadeiras, pois, são a Palavra de Deus anunciada e proclamada através dos tempos até chegar **“no tempo do fim”**.

Tome nota, é importante!



Seja qual for a interpretação que você queira adotar (histórica ou escatológica) desse trecho do livro de Daniel, você não poderá negar que as Escrituras falam de uma figura maligna, o Anticristo, que trará séria oposição à Igreja de Cristo. Nenhum cristão que queira levar sua vida cristã a sério pode fingir ou fugir dessa realidade.

Os tempos se tornarão cada vez mais hostis ao povo de Deus. Até à volta de Cristo, a Igreja sofrerá e muito neste mundo.

Aprofundando no texto



2.4.4.3. O destino do povo de Deus durante o seu reinado (12.1-4)

Aquele que andou com o SENHOR Deus no alvorecer de sua vida, agora, no anoitecer da mesma está ainda mais perto do Seu Deus. Aquele juvenzinho de 14 anos do começo do livro, agora com mais de 86 anos contempla o tempo do fim.

Este capítulo, e especialmente os v.1-4 se relacionam diretamente com Mt 24.21 e Mc 13.19 que falam sobre a “grande tribulação” que virá sobre a Igreja de Cristo.

Nestes versículos temos as seguintes verdades que estão presentes no Novo Testamento como mensagem de Cristo e dos apóstolos:

- ✓ O mundo espiritual travando uma batalha sem precedentes em torno da Igreja de Cristo; demônios a atacarão com fúria indizível, mas, Cristo assistirá Sua Igreja como sempre fez colocando para sua proteção milícias angelicais; a promessa é clara: **“mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro”** (v.1);
- ✓ Ressurreição final: tanto os que serão ressuscitados **“para a vida”** (os eleitos de Deus), quanto os **“outros para a vergonha e horror eterno”** (os réprobos), v.2;
- ✓ Assim como nos dias de Antíoco Epifânio havia sábios que resistiram as perseguições e corajosamente pregaram a Palavra de Deus ao povo (ver 11.33), nos últimos dias testemunhas fiéis se levantarão como remanescentes fiéis e proclamarão a sabedoria de Deus, brilhando, e como estrelas que apontam o caminho aos navegantes, conduzirão muitos à justiça;

Quanto ao **“saber se multiplicará”** (v.4), Stuart Olyott comenta¹⁰⁷:

Esta é a razão por que “muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará” (v.4). O que o futuro nos trará está gravado no livro que temos considerado. Apesar disto, os homens estão impacientes em sua busca de conhecimento, correndo daqui para ali, a fim de obtê-lo. Nunca antes houve tanto conhecimento acessível às pessoas. Porém, jamais houve tanta ignorância quanto ao futuro. Em toda sua esperança e temor, os homens têm se mostrado incapazes de

¹⁰⁷ OLYOTT, 1996, p.185.

adivinhar os eventos futuros. Estes podem ser conhecidos somente através da revelação divina. E aquilo que mais necessitamos saber nos foi revelado por nosso Senhor no livro de Daniel.

2.4.4.4. Uma mensagem final do profeta (12.5-13)

O livro foi encerrado (v.4). Mas algo ainda estava por acontecer, e o que os v.5-13 descrevem são outra cena diferente desta em que Daniel teve a visão que começou em 10.1 e terminou em 12.4.

O Senhor Jesus pré-encarnado estivera ao lado de Seu profeta o tempo todo nesta visão, mas agora, Daniel O vê acompanhado dois outros, os quais eram anjos, um de cada lado do rio (v.5). O Senhor Jesus não está em nenhuma das margens, mas, sim, sobre as águas do rio. E um desses anjos lhe perguntou: **“Quando se cumprirão essas maravilhas?”** (v.6). Essa mesma pergunta voltaria a ser feita ao Senhor Jesus no v.8 por Daniel e pouco mais de 500 anos depois, pelos Seus discípulos em Mt 24.3 e At 1.6.

O v.7 é de uma beleza impar. Nos tempos antigos ao se fazer um juramento deveria levantar uma das mãos, mas, quando o juramento era extremamente importante as duas mãos eram levantas. Por isso o Senhor Jesus levantou as duas mãos aqui e jurou **“por aquele que vive eternamente”**. Quanto ao tempo quando essas maravilhas deveriam acontecer **“um tempo, dois tempos e metade de um tempo”** é exatamente o mesmo de 7.25, e assim como lá o texto se refere ao sofrimento que os inimigos imporiam sobre os santos do Altíssimo, da mesma forma aqui os **“o povo santo”**, isto é, os filhos de Deus, a Igreja de Cristo haverão de sofrer muito nas mãos dos inimigos chefiados pelo Anticristo, porém, o tempo desse sofrimento é determinado por Deus tendo hora para começar, durar e acabar.

Daniel ainda não havia compreendido e pediu ao Senhor mais explicações sobre os tempos em que essas coisas aconteceriam (v.8), e o Senhor amorosamente o repreendeu: **“Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim”** (v.9). Não era necessário que Daniel entendesse tudo a respeito do que foi dito, mas, somente, que soubesse que tudo isso haverá de acontecer.

Stuart Olyott afirma acertadamente que¹⁰⁸:

Devemos compreender que alguns dos ensinamentos da Bíblia, relacionados aos últimos dias, não serão entendidos até que estejamos nos últimos dias. Por esta razão, tanto é imprudente como perigoso elaborar calendários detalhados quantos aos eventos futuros. O sentido de algumas partes da Palavra de Deus não se tomarão óbvias para nós até que amanheçam os dias sobre os quais elas falam.

O v.10 aponta para os efeitos desse período de terrível tribulação. A Igreja de Cristo, os santos do Altíssimo **“serão purificados, embranquecidos e provados”**, pois, é este o efeito de toda e qualquer tribulação na vida dos filhos de Deus (cf. 2Co 4.16-18), ao passo que os réprobos **“os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá”**, o que nos lembra as palavras do apóstolo Paulo em 1Tm 4.1-5 e 2Tm 4.1-5.

Os v.11 e 12 se encaixam na categoria de mistérios que não teremos acesso ao seu significado senão na ocasião em que acontecerem conforme vimos no v.9. Então, quaisquer interpretações oferecidas como faz a seita herética Adventista do Sétimo Dia com contas ridículas na tentativa de marcar o dia do Juízo Final numa flagrante desobediência à Palavra de Deus, devem ser rejeitadas, rechaçadas e ignoradas.

“Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança” (v.13). Nessas palavras Daniel não somente recebeu a ordem para continuar vivendo mesmo não tendo todos os detalhes do tempo da concretização

¹⁰⁸ OLYOTT, 1996, p.187.

da profecia, como também, recebeu a promessa do Senhor Jesus de que haveria de morrer, mas, seria ressuscitado para receber a sua herança.

Atenção!



Não caia no erro de querer afirmar quando será a volta do Senhor Jesus. Evite até mesmo expressões como: “Ele está voltando!”. A Bíblia diz que Ele voltará num abrir e fechar de olhos. Uma coisa é ver os sinais da Sua volta, e outra bem diferente é dizer que Ele já está às portas. Não nos compete saber quando isso será; tão somente nos compete pregar e anunciar a volta do Senhor Jesus.

É bem provável que todos nós morreremos antes do Senhor Jesus voltar. O que importa é saber que se morrermos Ele nos ressuscitará, se estivermos vivos seremos glorificados e de uma forma ou de outra receberemos a vida eterna.

Tome nota, é importante!



A vida com Deus não é um chamado para entendermos e sabermos de tudo nesta vida, mas, para andarmos por fé confiantes que Ele está ao nosso lado e nos levará em segurança ao lar celestial.

Para nós fica a mesma ordem que foi dada a Daniel: **“Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança”** (v.13).

Conclusão do Livro



Algumas palavras marcam o livro de Daniel e fazemos bem em recapitula-las.

- ✓ **Firmeza.** A firmeza na fé em Deus fez com que Daniel e seus amigos fossem firmes em sua obediência a Deus.
- ✓ **Coragem.** Eles enfrentaram terríveis perigos e não meras ameaças, por amor a Deus, e Ele os recompensou.
- ✓ **Exatidão.** No que diz respeito às profecias e visões, Daniel é de uma exatidão perfeita, e isso só comprova que suas palavras são a Palavra de Deus.
- ✓ **Amor.** Tanto o amor de Daniel e seus companheiros para com Deus, como de Deus para com eles é algo marcante neste livro.
- ✓ **Soberania.** No caso, a soberania de Deus. Reis e poderosos passaram pela vida de Daniel. Ele teve a oportunidade de ver até aqueles que viriam séculos depois dele, mas, o tempo todo ele viu o **“Ancião de Dias”** (7.13) assentado em Seu trono regendo todos os reinos e o universo.

Soli Deo Gloria!

BIBLIOGRAFIA

Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BALDWIN, Joyce. Daniel – Introdução e Comentário. Edições Vida Nova; São Paulo (SP); 1ª Edição 1983, reimpressão 2008.

BRUCE, F.F. (Org.). Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos. Editora Vida; São Paulo (SP); 1ª Edição, 2ª Reimpressão, 2009.

CALVINO, João. Daniel – vol.1 e 2. Edições Paracletos – São Paulo (SP), 2000.

HENRY, Matthew. Comentário Bíblico do Antigo Testamento – Isaías a Malaquias, vol.4. Casa Publicadora das Assembleias de Deus – Rio de Janeiro (RJ); 1ª Edição, 2010.

MACDONALD, William. Comentário Bíblico Popular – vol. 1 Antigo Testamento. Editora Mundo Cristão; São Paulo (SP), 2011.

OLYOTT, Stuart. Ouse Ser Firme – O Livro de Daniel, História e Profecias. Editora Fiel São José dos Campos (SP), 1996.

VAN GEMEREN, William A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento – vol. 1 – 5. Editora Cultura Cristã; São Paulo (SP), 2011.

WIERSBE, Warren. Comentário Bíblico Expositivo – Antigo Testamento, vol.4 – Profético. Geográfica, Santo André (SP), 1ª Edição, 5ª Reimpressão, 2010.